

**Abril, Maio,
Junho, Julho
de 2009**

Começamos este quadrimestre com um ciclo de cinema comissariado por Ricardo Matos Cabo que tem como tema *A experiência do som no cinema*. Quem tem acompanhado os ciclos que o Ricardo tem organizado na Culturgest sabe da sofisticação e da coerência das suas escolhas. Sabe que vai ver filmes que nunca imaginou que pudessem ser projectados em Portugal. Um mês depois, outro ciclo de cinema, concebido por Augusto M. Seabra, sobre o cinema japonês dos anos 1960. Nele estão representados todos os grandes cineastas desse período, incluindo o genial Suzuki. No total serão catorze obras-primas para descobrir ou, nalguns, poucos, casos, para redescobrir. Dois ciclos indispensáveis.

Os termos “sustentabilidade” ou “sustentável” aparecem todos os dias nos meios de comunicação. Abarcam complexos problemas que afligem a existência do nosso planeta e a sobrevivência da humanidade. Em quatro conferências promovidas pela Caixa Geral de Depósitos, quatro dos melhores especialistas mundiais vêm ao Grande Auditório falar-nos de alguns desses problemas. Não vale a pena esquecer a realidade. Temos que a enfrentar. Por isso é tão importante ouvir quem mais sabe e tem contribuído para alertar os homens e para mudar comportamentos.

Chamamos ainda a atenção para dois conjuntos de conferências. A propósito da inauguração do Museu do Côa, o CECL da Universidade Nova concebeu quatro palestras sob o tema *A arte* antes e depois *da arte*. “A arte do Paleolítico e a arte dos nossos dias levam-nos a indagar a natureza e o significado da arte, suscitando em nós a mesma

pergunta: ‘será isto arte?’”. Tantas vezes a nossa perplexidade sobre um objecto se traduz nessa pergunta fundamental. José Afonso Furtado vem falar-nos sobre *O livro na era da sua reprodutibilidade digital*. O que vai acontecer ao livro que conformou, durante séculos, o conhecimento, a cultura, a política, uma certa maneira de produzir saber, sentido e sociabilidade? Parece coisa de somenos, saber se vamos ler em papel ou num formato digital. Não é, as implicações são enormes.

No domínio da dança, oferecemos três espectáculos. *Gustavia* de e com Mathilde Monnier e La Ribot, que se apoia no universo do burlesco clássico; *L’Apprentissage*, um solo de Fabrizio Pazzaglia a partir de um texto de Lagarce; e *La Danseuse Malade*, do coreógrafo Boris Charmatz, com a actriz Jeanne Balibar, inspirado em textos de Hijikata, fundador da dança *butô*. Três propostas irrecusáveis.

Quanto ao teatro? *De uma vez por todas vamos dizer-vos quem somos por isso calem-se e ouçam*, a grande sensação do último Festival de Edimburgo, é um espectáculo interpretado por adolescentes sobre a adolescência, considerado pelo crítico de *The Guardian* “um extraordinário objecto teatral”. A Companhia Tg STAN, está de volta, agora com todos os actores que a fundaram, com *ou/não*, “um espectáculo incrível”, de “alta comédia”, “interpretado com um prazer sem paralelo”. De Jacinto Lucas Pires, um espectáculo com o seu último texto, *Silenciador*, que estreou o ano passado em Guimarães. *Contrações* é uma peça “ferozmente divertida” para duas actrizes, escrita pelo britânico Mike Bartlett, em que

está presente a pergunta “até que ponto estamos dispostos a sacrificar a nossa vida para salvaguardar o nosso emprego?”. Pelo quarto ano consecutivo, apresentamos uma escolha de entre os espectáculos realizados por todo o país por trinta grupos de teatro de jovens, em mais uma edição de PANOS – palcos novos, palavras novas.

Dos onze espectáculos de música deste quadrimestre, só podemos falar de alguns. Na música erudita, salientamos a ópera de câmara *Jerusalém*, de Vasco Mendonça, com libreto de Gonçalo M. Tavares e encenação de Luís Miguel Cintra e o concerto da Camerata Metropolitana, dirigida por Augustin Dumay que também toca como violino solista. No programa, comentado por Alexandre Delgado, a qualidade superlativa do violino e da direcção de Dumay deixarão o público maravilhado.

No jazz, referimos dois concertos a solo de dois grandes pianistas: Paul Bley e João Paulo. Paul Bley, a seguir a Miles Davis, deve ser o músico de jazz que tocou com mais artistas de primeiro plano com opções musicais muito diversas, como o comprova a sua discografia com cerca de cem títulos. João Paulo centra o seu concerto em temas compostos por Carlos Bica, que é também o convidado especial.

Aldina Duarte volta ao nosso Grande Auditório. Fadista de culto, sobre o último disco, *Mulheres ao espelho*, que está na base deste concerto, escreveu Nuno Pacheco no jornal *Público*: “A sua voz atinge uma emotividade e uma expressividade mais profundas, sem contudo abandonar os traços característicos do seu reconhecível estilo fadista. Um grande disco!”

Como temos feito desde há anos, damos a conhecer ao público português mais um cantor brasileiro injustamente esquecido no nosso país. Xangai, ex-vaqueiro, nascido no sertão da Baía, é um magnífico intérprete, seja da música e dos ritmos do nordeste, seja de canções românticas. Venha descobri-lo.

Um espectáculo íntimo, *Caldo Dísio*, ou seja, *Desejo Ardente*, com um dos maiores intérpretes de viola da actualidade, Christophe Desjardins, e um recitador, Federico Sanguinetti, alia a poesia do barroco e do renascimento italianos, à música antiga e contemporânea. Os textos, de poetas e poetisas italianas, denunciam um mundo dominado pelos homens.

Daan Van Golden é o segundo artista holandês cuja obra pode ser contemplada este ano na Galeria 1. Esta mostra, organizada pelo Camden Arts Centre de Londres, em colaboração com o Mamco, o maior museu de arte contemporânea da Suíça, e a Culturgest, reúne mais de trinta pinturas desde os anos 1960 até hoje e um conjunto de fotografias. Van Golden encontra a beleza no quotidiano e mostra-nos coisas familiares sob um novo olhar. Na Galeria 2, duas exposições dão a conhecer obras de dois artistas portugueses, Ana Jotta e Francisco Tropa, quase todas adquiridas recentemente pela CGD para a sua Colecção. Fora de Lisboa, uma outra exposição, concebida por Jürgen Bock, com obras da mesma Colecção, vai viajar pelo país, com partida marcada para o Centro Cultural e Congressos, Caldas da Rainha.

Muito mais haveria a dizer, mas o espaço acabou. Leia esta brochura e veja se não lhe damos bons motivos para nos visitar.

Programação

Ouvir:Ver

A experiência do som no cinema

Programação: Ricardo Matos Cabo

PEQUENO AUDITÓRIO
M12 · €3,5 (preço único)

A natureza das relações entre o som e a imagem no cinema foi o ponto de partida para este programa. Não é estritamente um programa sobre o som no cinema, ou sobre o desenvolvimento do sonoro, mas um percurso por diversas formas de pensar as complementaridades entre o som e a imagem; por tentativas de harmonização/conflito entre os dois elementos; finalmente, por uma série de obras muito diversas entre si que privilegiam as questões relacionadas com a visualização da experiência sonora pelo meio da imagem.

Hearing:Seeing is a film program about the relations between sound and image. It's a selection of documentaries, feature films, experimental films, exploring the singular use of sound, the auditory experience and different possibilities of thinking about the interaction and complementarity of sound and image.

Quarta-feira 1
18h30

Histórias sonoras

Celles qui s'ent font de Germaine Dulac, 1930, 35mm (transferido para vídeo), 5'17", versão original
Odna (Sozinha) de Grigori Kozintsev e Leonid Trauberg, 1931, 35mm, 80', versão original, legendado em português
Sozinha é um dos mais importantes filmes de ficção da transição do mudo para o sonoro. Pensado como um filme sonoro e finalmente filmado sem som, foi posteriormente orquestrado e pós-sincronizado com uma composição de Dmitri Shostakovich e complementado com diversos efeitos sonoros e alguns diálogos. Um filme notável pela forma como se mostra o contraste entre os espaços urbanos e os locais longínquos das montanhas, filmados com rigor etnográfico e um respeito pela preservação e registo dos costumes e tradições. Um dos "Discos Ilustrados" de Germaine Dulac, curtos filmes mudos que eram sincronizados ao vivo com



música, estabelecendo um diálogo entre a imagem e o som.

21h30

Os ouvidos, mais atentos do que os olhos
Les Nuits Électriques de Eugène Deslaw, 1930, 35mm, 10', versão original
Weekend de Walther Ruttmann, 1930, gravação em DVD, 11'10"

Entuziazm (Sinfonia Donbassa) de Dziga Vertov, 1930 (1972), 35mm, 65'
Unsere Afrikareise de Peter Kubelka, 1966, 16mm, 12'50", versão original, legendado em português
Um documentário de Dziga Vertov em três movimentos sobre o primeiro plano quinquenal soviético do final dos anos 20. É um trabalho de montagem e organização sonora das imagens numa crescente tensão entre o som e a imagem. O filme, redescoberto pelos movimentos de vanguarda da década de 60, é aqui apresentado no restauro feito

por Peter Kubelka, que restituiu ao filme a relação original pretendida entre o som e a imagem. A abrir, um filme de Deslaw, que terá sido apresentado com acompanhamento ao vivo de Luigi Russolo, e a montagem sonora de Walther Ruttmann.

Quinta-feira 2
18h30

Já sabemos ver, mas agora vamos ouvir a erva a crescer
What the Water Said, nº 4-6 de David Gatten, 2007, 16mm, 17'
Le Tempestaire de Jean Epstein, 1947, 35mm, 22'
Looking at the Sea de Peter Hutton, 2000-1, 16mm, 20'
O filme de Epstein é o culminar da reflexão cinematográfica do realizador e uma verdadeira revolução sonora. É a aplicação ao cinema das possibilidades expressivas e poéticas da utilização dos movimentos da imagem e do som, neste

caso do *ralenti* sonoro. Três explorações do poder evocativo do mar e do cinema – a materialidade da acção na película dos elementos naturais no filme de David Gatten e o imagismo silencioso do filme de Peter Hutton.

21h30

A orquestração sonora

Über 'Song of Ceylon' von Basil Wright de Harun Farocki, 1975, vídeo, 25', versão original, legendado em português
Song of Ceylon de Basil Wright, 1937, 35mm, 38'
Coal Face de Alberto Cavalcanti, 1934, 35mm, 12'
Os dois documentários programados nesta sessão evidenciam a criatividade da Unidade de Produção Cinematográfica dos Correios Britânicos na década de 30.

AMOR © Robert Beavers 2009



Coal Face prolonga a experimentação sonora de *Song of Ceylon* e as ideias de Cavalcanti sobre a orquestração eficaz da música e dos sons naturais ao serviço de uma maior expressividade documental. O filme de Harun Farocki é uma análise visual do filme de Basil Wright, realizada para a televisão em 1975.

Sexta-feira 3

18h30

O sentido silencioso do filme:

Stan Brakhage

Carl Ruggles Christmas Breakfast de Carolee Schneemann, 1963, 8mm (transferido para vídeo), 9'
Desistilm de Stan Brakhage, 1954, 16mm, 7'
Scenes from Under Childhood Section #1 de Stan Brakhage, 1967, 16mm, sem som, 25'
The Riddle of Lumen de Stan Brakhage, 1972, 16mm, 14'
Passage Through: A Ritual de Stan Brakhage, 1990, 16mm, 50'
Poucos cineastas reflectiram de modo tão fundamental a relação do som com a imagem, influenciando de modo decisivo a sua prática artística. A adopção do silêncio e rejeição absoluta do som como princípio formal da maior parte dos seus filmes levou a uma aproximação confessa a modelos de montagem e composição próximos de uma concepção musical. Esta sessão é um percurso pela obra do realizador tendo em atenção algumas das suas colaborações com compositores como James Tenney.
Passage Through: A Ritual é um dos mais singulares filmes do realizador, uma resposta a uma composição de Phillip Corner, inspirada por seu lado num dos seus filmes, *The Riddle of Lumen*. A abrir,

um filme recentemente recuperado, o registo de uma visita da realizadora Carolee Schneemann ao compositor Carl Ruggles.

21h30

Robert Beavers:

a arquitectura sonora do cinema

Am from the Notebook of... de Robert Beavers, 1971/1998, 35mm, 45'
AMOR de Robert Beavers, 1980, 35mm, 15'

Os filmes de Robert Beavers constituem um corpo de trabalho notável composto ao longo das últimas décadas. São filmes sobre o sentimento do lugar, da arquitectura e da paisagem, dos objectos e dos gestos que os produzem, filmes de um profundo materialismo que procuram uma relação imediata e concreta com o som e com a imagem. Para esta sessão procura-se destacar o trabalho de som nos filmes do cineasta, entre o som directo e os sons sugeridos, com um dos filmes que serve de introdução aos principais temas e à forma de trabalho de Beavers e um exemplo mais tardio na sua obra.

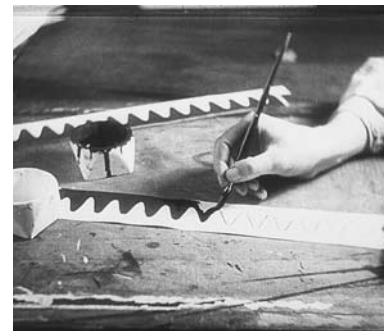
Sábado 4

15h30

Correspondências entre o som e a imagem

Das Tönende Handschrift de Rudolph Pfenninger, 1929, 35mm (transferido para vídeo), 10', versão original, legendado em português
Tönende Ornamente de Oskar Fischinger, 1932, 16mm, 3'20"
Five Film Exercises de John Whitney e James Whitney, 1941-1945, 16mm, 21'
Dots de Norman McLaren, 1940, 35mm, 2'21"

Das Tönende Handschrift de Rudolph Pfenninger



Pen Point Percussion

de Norman McLaren, 1951, 35mm, 5'58"
Synchronie de Norman McLaren, 1971, 35mm, 7'27"
Soundtrack de Barry Spinello, 1969, 16mm, 10'
Articulation of Boolean Algebra for Film Opticals de Tony Conrad, 1975, 16mm, 10' (excerto de 75')

A procura de uma equivalência entre o som e a imagem corresponde, na história do cinema, a um género particular de exploração das possibilidades contidas no próprio material fílmico. Os filmes apresentados nesta sessão investigam a complementaridade e interacção som/imagem, a possibilidade de tornar visíveis os sons através da síntese sonora. Inclui pequenos documentários que permitem perceber a técnica da "escrita visual" no filme dos pioneiros Pfenninger e McLaren, a ideia da ornamentação sonora em Fischinger, os espantosos exercícios visuais dos irmãos Whitney, as experiências de unidade som/imagem de Barry Spinello e um excerto de um filme de Tony Conrad que procura, de modo diverso, questionar a unidade som/imagem.

18h30

Mauricio Kagel, realizador

Symphonie Mécanique de Jean Mitry, 1955, 35mm, 13', versão original
Antithese de Mauricio Kagel, 1965, 16mm (transferido para vídeo), 19'
Hallelujah de Mauricio Kagel, 1967, 16mm, 40'

Dois filmes notáveis de Mauricio Kagel, que representam duas fases distintas da sua prática cinematográfica: *Antithese*, o seu primeiro filme é uma aproximação cinematográfica ao plano teatral e de registo de uma composição e *Hallelujah* é já uma composição para cinema na equivalência total entre a imagem e o som. Em complemento, a pesquisa visual e sonora de Jean Mitry e Pierre Boulez.

21h30

A voz: série, repetição

Synch Sound de Taka Iimura, 1975, 16mm, 12'
Paul Celan Liest de Ute Aurand, 1985, 16mm, 5'
Picture and Sound Rushes de Morgan Fisher, 1973, 16mm, 11'
Hapax Legomena III: Critical Mass de Hollis Frampton, 1971, 16mm, 25'
Done To de Lawrence Wiener, 1974, 16mm (transferido para vídeo), 20'
Episodic Generation de Paul Sharits, 1978, 16mm, 30'

Sessão organizada segundo um princípio comum a todos os filmes: a exaustão de uma forma através da repetição e da reverberação. O filme de Iimura é um jogo formal entre o tempo e os elementos sonoros e visuais de uma banda de som. *Paul Celan Liest* é uma visualização da voz de Paul Celan a ler três poemas. Morgan Fisher explora as ironias que surgem da normatividade dos proces-

ses técnicos e industriais no cinema, esgotando as possibilidades de relação som/imagem. Os filmes de Frampton e Wiener colocam em cena uma batalha de dissonâncias e cortes sonoros, numa estrutura de repetição e exaustão metafórica entre o material fílmico e o que vemos nas imagens. Finalmente, o filme de Paul Sharits reflecte o interesse do autor pelo som, na versão para ecrã de uma instalação sobre o eco e a perda da definição da imagem e do som pela sobreposição.

Domingo 5

15h00

Michael Snow

e as relações som – imagem

Finding His Voice de F. Lyle Goldman e Max Fleisher, 1929, 35mm (transferido para vídeo), 10'39"

Rameau's Nephew by Diderot (Thanks to Dennis Young) by Wilma Schoen de Michael Snow, 1974, 16mm, 20'

Uma série de tentativas para realizar um verdadeiro "filme falado" da autoria de Wilma Schoen (alter-ego do realizador), tendo como actores Annette Michelson, Nam June Paik, entre muitos outros. O resultado é um vigoroso diálogo entre o som e a imagem, composto por vinte e cinco sequências sonoras com durações que vão dos 4 aos 55 minutos, separadas por vinte e sete abstrações cromáticas e sem qualquer sequência narrativa entre si. Desde o seu primeiro filme que Michael Snow se concentrou na questão da composição de relações fortes entre o som e a imagem. *Rameau's* é a sua composição mais radical nessa sua reflexão sobre a natureza do som no cinema e o seu confronto com as mais variadas modalidades da imagem

(da imagem abstracta à representação "realista") e da linguagem enquanto categoria da representação. A introduzir, uma animação sobre um filme mudo que procura a sua voz.

Segunda-feira 6

18h30

Uma sinfonia urbana

Sound Track de Guy Sherwin, 1977, 16mm, som, 9'

Aru Kikanjoshi (Um Assistente de Maquinista) de Tsuchimoto Noriaki, 1965, 35mm, 37', versão original, legendado em inglês

Dokumenty Rojo (Na Estrada: um documento) de Tsuchimoto Noriaki, 1965, 35mm, 54', versão original, legendado em inglês

Na Estrada: um documento é o primeiro documentário do realizador e é bastante diferente dos filmes que realizou desde então (sobretudo centrados na tragédia ambiental e humana de Minamata). É um retrato da vida de um taxista na Tóquio de 1963 e um documento sobre as precárias condições de trabalho na cidade em transformação. Na atenção que presta aos gestos e sons da cidade, o filme constitui uma espantosa sinfonia urbana. Em complemento, o primeiro filme do realizador e, a abrir a sessão, um filme de Guy Sherwin, uma filmagem dos carris de uma ferrovia cuja imagem transborda para a banda sonora, sendo o som o resultado directo daquilo que vemos projectado.

21h30

Olhar e ouvir: James Benning

RR de James Benning, 2007, 16mm, 112'
RR é composto por 43 planos fixos de comboios de mercadorias, cuja duração

RR de James Benning



é determinada pelo tempo que demoram a passar na imagem. Como sempre no trabalho do realizador norte-americano, o filme joga-se no equilíbrio entre a observação de um dado espaço/tempo e as expectativas provocadas pelo reconhecimento dessas imagens e sons quando contrastados com a história geográfica, política e social dos Estados Unidos.

Agradecimentos à Cinemateca Francesa.

O filme *Les Nuits Électriques* de Eugène Deslaw foi restaurado pelos Archives Françaises du Film - CNC, no âmbito do plano de protecção dos filmes antigos do Ministério da Cultura francês.

O filme *Aru Kikanjoshi (Um Assistente de Maquinista)* de Tsuchimoto Noriaki foi gentilmente cedido pela Japan Foundation.

Os filmes de Malcom McLaren foram produzidos e distribuídos pelo Office National du Film du Canada.



Gustavia

De e com Mathilde Monnier & La Ribot

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h00 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Espectáculo falado em francês,
com legendas em português

Luz Eric Wurtz **Realização sonora** Olivier Renouf

Colaboração cénica Annie Tolleter

Figurinos Dominique Fabrège

com assistência de Laurence Alquier

Co-produção Festival Montpellier Danse 2008; Centre Pompidou - les Spectacles Vivants / Festival d'Automne / Théâtre de la Ville (Paris); Centre de Développement Coréographique - Toulouse / Midi-Pyrénées; Culturgest; La Comédie de Genève; Mercat de Les Flors, Barcelona; La Ribot - Genève; Centre Chorégraphique National de Montpellier Languedoc-Roussillon O Centre Chorégraphique National de Montpellier Languedoc-Roussillon, dirigido por Mathilde Monnier, é um lugar de pesquisa, de criação e de formação em dança contemporânea e é subsidiado por: Ministère de la Culture et de la Communication - Direction Régionale des Affaires Culturelles de Languedoc-Roussillon; Conseil Régional Languedoc Roussillon; Montpellier Agglomération; Conseil Général de l'Hérault.

Neste projecto, La Ribot é apoiada por Pro Helvetia, Swiss Arts Council e la Ville de Genève - Département de la culture.

Gustavia reúne duas coreógrafas com percursos muito diferentes mas animadas por uma comum reflexão sobre as questões do futuro da arte e da representação.

Este espectáculo apoia-se no universo do burlesco clássico, que possui códigos e técnicas próprios que atravessam não só o cinema (Peter Sellers, Tati, irmãos Marx, Keaton, Chaplin, Nanni Moretti) mas também o palco e a *performance* (Leo Bassi, Anna e Bernhard Blume...) e as artes plásticas (Bruce Nauman).

O burlesco usa técnicas de troca de papéis e de toca e foge; é a arte de transformar a incompetência em competência. Permite distinguir os heróis burlescos dos heróis contestatários. Surge tanto do excesso de palavras como da sua ausência. O burlesco do corpo apoia-se no esforço gratuito, na repetição e no acidente. O que é legível no burlesco está oculto na dança, uma vez que esta, na sua essência, não tem nada, ou quase nada, de cómico.

Gustavia é um nome de mulher, mas, sobretudo, um nome artístico fictício. *Gustavia* tenta falar de grandes temas



que a ultrapassam, temas clássicos intemporais: a mulher, a morte, o teatro, a representação, a representação de si, o artista. O burlesco, não sendo um género, proporciona o enquadramento de práticas e de maneiras de pensar e de fazer. Através de uma utilização indirecta dos instrumentos do burlesco, *Gustavia* procura falar livremente do seu *métier*: desvios, inquietações, catástrofes e alegrias da relação entre a arte contemporânea e a vida.

Gustavia brings together two choreographers with different backgrounds but a common view of the future of their art. This show is based on the burlesque world, which has its own codes and tech-

niques not just from film (Peter Sellers, Jacques Tati, Marx Brothers, etc.) but also the stage and the plastic arts. Burlesque involves swapping roles and transforming incompetence into competence; something not often seen in dance, which rarely has a comic component.

Gustavia deals with women, death, theatre, performance and artists. Through the indirect use of burlesque instruments, *Gustavia* speaks freely about deviation, disquiet, catastrophe and joy in the relationship between contemporary art and life.

Um alerta para o Planeta

Ciclo de conferências promovido por Caixa Geral de Depósitos e Green Values

GRANDE AUDITÓRIO · 18h30

Entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 30 min. antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas. Conferências em inglês, sem tradução.

7 de Abril

Alterações Climáticas, por Bjørn Lomborg (Dinamarca)

“Solving climate change will be the most expensive public policy decision ever.” Professor na Copenhagen Business School, autor do *best-seller The Skeptical Environmentalist*, foi designado pela revista *Foreign Policy* como o 14º intelectual mais influente a nível mundial.

14 de Abril

Direitos Humanos, por Silas Kpanan'Ayoung Siakor (Libéria)

“Our struggle for the environment is not about trees. It is a campaign for social justice and respect for human rights. It is about our right to have a healthy and safe environment.”

Siakor denunciou os graves abusos de direitos humanos no seu país e o finan-

ciamento da guerra com o abate ilegal de árvores da maior floresta tropical da África Ocidental, contribuindo para o julgamento do ex-presidente da Libéria por crimes de guerra e contra a humanidade. Em 2006 recebeu o prestigiado Goldman Environmental Prize.

21 de Abril

Desenvolvimento Sustentável na Sociedade da Informação por Roberto Carneiro (Portugal)

Desde sempre ligado aos temas da educação, dirige na Universidade Católica a licenciatura em Comunicação Digital e Interactiva. Preside ao Observatório da Sociedade da Informação e do Conhecimento.

28 de Abril

Arquitectura Sustentável, por Li Hu (China)

“Instead of compartmentalizing our ideas, our aim is to ask questions about urgent political and sociological issues concerning architecture, not answer them.” Vivendo em Pequim e Nova Iorque, lidera algumas das mais emblemáti-



cas construções da era moderna na China fazendo parte de Steven Holl Architects: Design Excellence and Green Innovation. Pretende fazer da construção urbana sustentável um modo de vida acessível para a maioria da população.

Este conjunto de conferências pretende suscitar uma reflexão aprofundada sobre alguns dos temas determinantes do futuro da humanidade e do nosso planeta. Convidaram-se personalidades oriundas de vários pontos do mundo que, pela importância das suas contribuições, têm marcado o debate das questões relacionadas com o desenvolvimento sustentável. Cada conferência terá a contribuição de um especialista nacional a anunciar que dinamizará o debate subsequente às apresentações dos diversos conferencistas.

Esta iniciativa da Caixa Geral de Depósitos insere-se no programa de sustentabilidade que tem vindo a desenvolver - em que se inclui o Caixa Carbono Zero 2010. Ambiente, Direitos Humanos, Desenvolvimento Sustentável e a sua

ligação à Sociedade da Informação, Cidades pensadas como pólos agregadores para os seus habitantes, são temas de actualidade irrecusável e correspondem a grandes preocupações do mundo actual.

This series of talks will take an in-depth look at decisive themes for the future of humanity and the planet. Key speakers in the debate on sustainable development have been invited from all over the world, and each talk will include a Portuguese specialist to introduce the subject and moderate the discussion following the speakers' presentations.

This Caixa Geral de Depósitos initiative forms part of its ongoing sustainability programme, which includes Caixa Carbono Zero 2010. The environment, human rights, sustainable economic development and how cities can be developed as meeting points for their inhabitants are all topical subjects of major concern in today's world.



Stephen O'Malley

Ciclo de concertos comissariado por filho único

CULTURGEST PORTO · 22h00

Duração: 1h00 · M12 · €5 (preço único)

[Bilhetes à venda nos locais habituais](#) (ver [Informações e Reservas no final desta brochura](#)) e na [Culturgest Porto - Galeria, na Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria até 4 de Abril e no dia do espectáculo a partir das 19h00 e até à hora do início do mesmo.](#)

Este é o primeiro concerto de uma série de cinco que a Culturgest apresenta este ano na sua Galeria de exposições da Avenida dos Aliados no Porto. Reinventando os vocabulários do rock, da música contínua e do metal contemporâneo num percurso iniciado há década e meia, Stephen O'Malley, guitarrista americano actualmente a viver em Paris, é dos artistas destes campos

estilísticos que maior detalhe e invenção aplica no desenho, na arquitectura acústica e no impacto físico-psíquico do som.

O'Malley trabalha métricas pentatónicas lentíssimas e emprega níveis decibélicos extraordinariamente elevados, num processo minucioso de inscrição e armazém sonora no espaço em que explora a acústica do local e os limites da tolerância humana à vibração acústica através do uso da guitarra eléctrica ligada a um massivo muro de amplificadores a válvulas, oferecendo espaço de respiração à saturação do som e a uma densa teia de sobreposições microtonais. O seu ritmo é o do vocabulário do *doom metal*, informado pela amplitude de dinâmica e pelo léxico herdados de uma pluralidade de exploradores e transgressores de várias áreas, de Hendrix a Coltrane, Keiji Haino, Pandit Pran Nath ou Sonny Sharrock.



Para além do projecto que fundou, os SunnO))), uma das bandas fundamentais *drone/doom metal*, tem trabalhado com outros artistas que possuem igualmente uma relação plástica e extrema com o som, de Peter Rehberg a Lasse Marhaug, Oren Ambarchi ou Attila Csihar.

O'Malley é tido como uma das principais figuras da última década na afirmação estética do metal enquanto género de vanguarda e espaço artístico aberto à liberdade e expansão criativas.

Para mais informações visite www.ideologic.org

Stephen O'Malley is a highly inventive American guitarist living in Paris, who has been reinventing the vocabulary of rock, 'continuous music' and contemporary metal for the last decade and a half. He uses very slow pentatonic scales and extraordinarily high decibel levels to

create music that explores the acoustics of the venue and the limits of human tolerance to acoustic vibration, by hooking up his electric guitar to a massive wall of valve amplifiers. He specializes in doom metal, with a lexicon inherited from explorers such as Hendrix, Coltrane, Keiji Haino, Pandit Pran Nath and Sonny Sharrock.

O'Malley is seen as one of leading figures in metal's quest for creative expansion and freedom.

Once and for all we're gonna tell you who we are so shut up and listen

De uma vez por todas vamos dizer-vos quem
somos por isso calem-se e ouçam

Um espectáculo de **Ontroerend Goed**,
Kopergietery e **Richard Jordan Productions Ltd.**

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO

21h30 Duração: 1h00 · M12

€15 · Jovens até aos 30 anos: €5

Espectáculo em inglês, sem legendas

Encenação Alexander Devriendt **Com** Aaron De Keyzer, Barbara Lefebure, Charlotte De Bruyne, Christophe De Poorter, Dina Dooreman, Edith De Bruyne, Edouard Devriendt, Elies Van Renterghem, Febe De Geest, Helena Gheeraert, Ian Ghysels, Koba Ryckewaert e Nathalie Verbeke

Texto Joeri Smet e Alexander Devriendt

Dramaturgia Mieke Versyp **Cenografia e figurinos** Sophie De Somere **Desenho de som** Stijn De Gezelle **Desenho de luz** Jeroen Doise

Apoio Governo Flamengo, província da Flandres Oriental e cidade de Gent

Estreia 25 de Abril de 2008, Gent

*Vamos fazer uma peça sobre
adolescentes
mas sobre muito mais que adolescentes
que se sentem como adolescentes
durante a adolescência:*

*sobre o caos total nas nossas cabeças,
a vontade de ir longe demais, borbulhas
e dúzias de outros assuntos que vão
enriquecer as vossas vidas*

*Vamos derrubar as barreiras entre o
modo como estamos em palco e fora
dele*

*Vamos actualizar a definição de
puberdade*

*Damo-vos cabo do juízo, mas por uma
vez vão perceber porquê*

*Vamos tornar supérflua toda a outra arte
sobre a adolescência*

Vão achar que nós somos super cool.



Quando era mais novo, Alexander Devriendt participou em vários espectáculos de e para adolescentes, mas sempre se divertiu mais fora de cena. Aqui procurou o inverso.

Em *Once and for all...*, sensação do último Festival de Edimburgo, a energia pura dos intérpretes, visível em palco, não é tratada como força destruidora, mas como prazer de ultrapassar e explorar os limites, sem que ninguém venha dizer como ou porquê.

[...] puro magnetismo animal, um choque suado de adrenalina que capta a energia inquieta de ser adolescente e o abandono absurdo e temerário de estar permanentemente à beira da prancha de mergulho mais alta. [...] É um extraordinário objecto teatral, astutamente coreografado para parecer completamente não-coreografado e loucamente manipulador. Mas da melhor maneira possível. É

um espectáculo sem reservas.
Lyn Gardner, *The Guardian*,
27 de Outubro de 2008

Once and for all we're gonna tell you who we are so shut up and listen shows thirteen teenagers who are rebellious, try to grasp themselves, behave aggressively, feel vulnerable, are cool, play like children, but are sometimes surprisingly adult.

"[...] pure animal magnetism, a sweaty adrenaline rush that captures the restless energy of being a teenager and all the absurd, reckless abandon of being poised permanently on the brink of the high diving board. [...] It is an extraordinary piece of theatre, cunningly choreographed to feel completely unchoreographed and madly manipulative. But in all the right ways. It is a show that doesn't hold back." Lyn Gardner, *The Guardian*, 27 October 2008

Alípio C. Neto Quartet

The Perfume Comes Before the Flower

Ciclo ISTO É JAZZ? Comissário: Pedro Costa

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h15 · M12 · €5 (preço único)

Saxofones Alípio C. Neto
Trompete Herb Robertson
Contrabaixo Ken Filiano
Bateria Michael TA Thompson

Desde a sua chegada a Lisboa, o brasileiro naturalizado português Alípio C. Neto é uma das figuras da cena do jazz criativo em Portugal. Depois de liderar duas formações internacionais (Imi Kollektief e Wishful Thinking) com trabalhos editados desde 2006, Alípio fez uma incursão muito proveitosa a Nova Iorque onde tocou e gravou as suas composições, editadas no CD *The Perfume Comes Before the Flower* (Clean Feed, 2007), que está na base do concerto desta noite.

Este passo revelou-se decisivo para o seu reconhecimento internacional. Os

magníficos músicos que o acompanham neste quarteto interpretam as composições de Neto absorvendo-as primeiro para depois lhe dar um cunho muito pessoal. O resultado musical da banda é tanto rítmico como textural, abstracto e concreto, numa combinação de personalidades com percursos musicais muito diversos.

Alípio Carvalho Neto nasceu em Floresta, Sertão de Pernambuco, Brasil e veio para Portugal para fazer um doutoramento na Universidade de Évora sobre a poética literária e sua relação com a poética musical. E foi em Portugal que se decidiu definitivamente pela música. No Brasil estudara com Hermeto Pascoal, Roberto Sión, Carlos Eduardo Pimentel (Boogie), Dilson Florêncio, Guilherme Vaz e Ian Guest, entre outros. Ao longo da sua carreira tocou e gravou com diversos compositores, grupos e orquestras de música brasileira, africana



e jazz, entre os quais Armando Lôbo, BRAPO - Brasília Popular Orquestra, Clarence Becton, Brian Groder, Torbjörn Zetterberg, Carlos Zingaro, Scott Fields, Patrick Brennan, Jean-Marc Charmier, Carlos Barretto, Adam Lane, Michael Attias, Gregg Moore, Angelo Olivieri, Fabrizio Spera, Alex Maguire. Lidera vários projectos como IMI Kollektief (*Snug As A Gun*, Clean Feed), Wishful Thinking (*Wishful Thinking*, Clean Feed), Alípio C. Neto Trio (com Masa Kamaguchi e Federico Ughi) e Alípio C. Neto DIGGIN'. Editou recentemente pela Creative Sources *PAURA The Construction of Fear* (com Ernesto Rodrigues, Guilherme Rodrigues, Dennis González e Mark Sanders). Alípio acredita que a música deve expressar para além da *cosa mentale*, a *cosa trascendentale*, uma poética dinâmica do artifício humano.

Since he moved to Lisbon, Brazilian Alípio C. Neto has been a key figure in Portuguese jazz. He led two international groups before a move to New York resulted in the CD *The Perfume Comes Before the Flower* (Clean Feed, 2007) - the basis for tonight's show. The move brought him international acclaim.

In Brazil he studied with Hermeto Pascoal, Roberto Sión, Guilherme Vaz and Ian Guest amongst many others. He has played and recorded with many, including Armando Lôbo, BRAPO - Brasília Popular Orquestra, Clarence Becton, Brian Groder, Carlos Zingaro, Scott Fields, Patrick Brennan, Adam Lane, Michael Attias, Gregg Moore, Alex Maguire, and has led many of his own projects. He recently released the CD *PAURA The Construction of Fear*.

Mulheres ao Espelho

Aldina Duarte

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h30 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Voz Aldina Duarte

Guitarra portuguesa José Manuel Neto

Viola Carlos Manuel Proença

Som Alfredo Almeida **Luzes** Paulo Mendes

Produção executiva Rita Bernardo

Aldina Duarte deixou-se ser gente muito antes de se permitir ser fadista – aprendendo, com todo o deleite e vagar do mundo, o que a vida lhe podia oferecer e, sobretudo, o que não oferecia e às vezes era preciso ir lá arrancar-lhe. Essa sua grande sabedoria – que é simultaneamente uma ingenuidade mágica e uma força natural que cativam logo quem a conhece – deu-lhe, entre outras coisas maiores que não cabem na página, uma capacidade (rara entre os artistas) de, sem nunca deixar de ser quem é, poder afinal ser diferente a cada novo encontro, projecto, espectáculo. Não admira, pois, que existam tantas mulheres no seu espelho... Mulheres que são as várias Aldinas que lhe estrebucham no peito

e saem numa voz que nunca se põe em bicos de pés – porque nela é a forma que faz brilhar a substância (e pode haver maior incandescência?) –, mas também mulheres que ela foi tomando como exemplo na vida e no fado, coisas que agora já se podem misturar sem atrito, porque ela também já não é ela sem o fado.

Mas, se nenhum dos seus discos anteriores se pode considerar gesto precipitado ou aventura precoce, a verdade é que *Mulheres ao Espelho* também não pode deixar de ser visto (ouvido) como o seu trabalho mais maduro, pois, sem o músculo da experiência, a atenção e a generosidade teriam um andar demasiado coxo para conseguirem chegar ao destino. E aqui não: o mergulho na tradição sai de cara lavada e moderna, feito a melhor homenagem; e o chicote da vida, mais do que ferida aberta, é pura lição para o renascimento.

O disco regista uma única Aldina, e isso já é mais do que aquilo a que temos direito; mas coloque-se agora este espelho diante de nós, num palco, e deleitemo-nos: porque a Aldina, sendo



única, há-de ser ao vivo sempre outra, de fado em fado, como num infundável jogo de espelhos.

Maria do Rosário Pedreira

Aldina Duarte learned about life's lessons long before becoming a fado singer. In particular, she learned that sometimes things are not offered – they have to be grasped. That worldly knowledge has enabled her to be different for each new project or show, while still remaining herself. She has created many Aldinas, derived both from her own experi-

ences and from other women who have served as an example for her in life and fado – although now these elements can be combined at will, as she would not be the person she is without fado.

Although none of her previous CDs can be seen as precocious adventures, *Mulheres ao Espelho* is undoubtedly her most mature work heralding a unique Aldina – a delightful performer.

Caldo Disio

Desejo Ardente

Percurso poético e musical para violetista e recitante

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h15 · M12 · €5 (preço único)

Recitante Federico Sanguinetti

Viola Christophe Desjardins

Encenação Cesare Scarton **Video** Giuseppe Tandoi **Em colaboração com** Embaixada de França *Suona Barocco*, Aliance Française de Avelino, Associazione Nuova Consonanza, Fondazione Musica per Roma.

Caldo Disio, projecto musical e poético nascido do encontro do violetista Cristophe Desjardins com o filólogo Federico Sanguinetti, apresenta-se em estreia na Culturgest e dá a palavra às mulheres escritoras e poetisas da época medieval e do Renascimento que denunciaram, à frente do seu tempo, um mundo masculino e defenderam, através da literatura, os direitos das mulheres.

O espectáculo, encenado por Cesare

Scarton, reúne os textos escolhidos por Sanguinetti e composições para viola, música antiga e também música contemporânea composta especificamente para este projecto. Aos textos de Dante Alighieri (1265-1321), Giovanni Boccaccio (1313-1375), Moderata Fonte (1555-1592), Lucrezia Marinella (1571-1653) e Arcangela Tarbotti (1604-1652), respondem a música de Gilles Binchois (1400-1460), Johannes Ockeghem (1410-1497), Domenico Gabrielli (1651-1690), e ainda duas obras em estreia, compostas por Gianvincenzo Cresta (n.1968) e Fausto Sebastiani (n.1962), que estabelecendo um laço subtil com a música antiga, interpretam a relação com o passado.

À leitura masculina das vozes femininas responde a voz da viola, a música abre caminhos que iluminam esta visão do mundo, a história de uma emancipação.



Christophe Desjardins é um dos maiores violetistas da actualidade. Intérprete privilegiado de muitos compositores actuais, divulga para o grande público o repertório do seu instrumento. Tem uma vasta discografia premiada que inclui um CD inteiramente consagrado a Emmanuel Nunes. Dedicar-se também à criação de espectáculos em que cruza a música com outras artes, como a poesia, a dança ou o vídeo.

Federico Sanguinetti, professor universitário com vasta obra publicada, designadamente sobre autores como Boccaccio, Machiavelli, Leopardi, Lorenzo il Magnifico e Dante, dedica-se também à recitação. Foi recitante para obras de Paolo Aralla, Luciano Berio, Gilberto Cappelli, Alberto Caprioli e Paolo Perezani.

Caldo Disio is a musical and poetical project imagined by viola player Christophe Desjardins and philologist Federico Sanguinetti. It finds out female Renaissance and medieval writers and poets who were ahead of their time in decrying the male dominated world, and who fought for women's rights through their writing. During the show, staged by Cesare Scarton, texts chosen by Federico Sanguinetti answer to music for viola: ancient music, and contemporary music written for this project. Authors such as Dante Alighieri, Giovanni Boccaccio, Moderata Fonte, Lucrezia Marinella et Arcangela Tarabotti meet music by Gilles Binchois, Johannes Ockeghem et Domenico Gabrielli, and two new works, by Gianvincenzo Cresta et Fausto Sebastiani. The voice of the viola answers to male reading of female voices, music opens ways which highlights this look on the world, the story of an emancipation.

L'Apprentissage

Dans la Main

d'Isolina

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h00 · M12

€12 · Jovens até aos 30 anos: €5

Encenação, coreografia e interpretação Fabrizio Pazzaglia **Texto** *L'Apprentissage*, de Jean-Luc Lagarce **Tradução** Lurdes Júdice

Assistente Paulo Reis **Difusão** Françoise Empio **Co-produção** Dans la Main d'Isolina, Point Ephémère Paris **Agradecimentos** Steven Maché, Nathalie Nambot, Marin, Sarah Chomette, Sandrine Rouxel, Miguel Loureiro

Aprender é mudar.

Pode existir aprendizagem sem esta sensação profunda de impotência? O vácuo perante uma situação desconhecida.

É este o espaço da criação, o espaço onde se pode reinventar.

É neste silêncio que pode nascer este movimento exigente onde o antigo se torna novo.

Um passeio no limiar sem regresso possível.

Fabrizio Pazzaglia

Já estou aqui há vários dias – contam-me mais tarde – já aqui estou há vários dias, quando abro os olhos.

Abro os olhos. Ou já há vários dias que abro os olhos antes mesmo de o saber, vários dias depois de ter aberto os olhos e no primeiro dia em que me apercebo de os abrir.

Abro os olhos.

L'apprentissage, Jean-Luc Lagarce (tradução de Lurdes Júdice)



De Fabrizio Pazzaglia o público lisboeta recordará talvez principalmente o intérprete de Olga Roriz, a sua poderosa fisicalidade e teatralidade. Radicado em Paris, regressa agora com a sua encenação, coreografia e interpretação de um texto Jean-Luc Lagarce sobre a reaprendizagem do corpo após a saída de um estado de coma.

Diplomado em dança e em educação física, Fabrizio Pazzaglia trabalhou com diferentes encenadores e coreógrafos, como Dominique Frot, Brigitte Seth, Roser Montllo'Guberna, Anne Sicco, Hervé Jourdet, Francis Plisson, Olga Roriz e Matthew Jocelin, e encenou e coreografou vários espetáculos: *Teta Veleta*, inspirado na obra de Pasolini, 2005; *Lisbonne, ville invisible*, 1999; *Dimanche 8 octobre*, 2000; *Nijinsky: Memoria Prima*, 2001.

When Lisbon audiences think of Fabrizio Pazzaglia, they may recall his powerful physicality and theatricality in Olga Roriz's works. Based in Paris, Pazzaglia returns to the city with a new production, choreography and interpretation of a work by Jean-Luc Lagarce about relearning one's body following a coma.

Trained in dance and physical education, Pazzaglia has worked with numerous producers and choreographers, including Dominique Frot, Brigitte Seth, Anne Sicco, Hervé Jourdet, Francis Plisson, Olga Roriz and Matthew Jocelin. He has also produced and choreographed several shows: *Teta Veleta*, inspired by Pasolini, 2005; *Lisbonne, ville invisible*, 1999; *Dimanche 8 octobre*, 2000; and *Nijinsky: Memoria Prima*, 2001.

A Arte antes e depois da Arte

Por ocasião da inauguração do Museu do Côa

SALA 2 · 18h00

Entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 30 min. antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas. Conferências nas línguas maternas dos conferencistas (inglês, francês, espanhol, italiano e português)

Uma iniciativa do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens da Universidade Nova de Lisboa (CECL, UNL) **Coordenação** Maria Teresa Cruz **Co-organização** CECL e IGESPAR (MC) **Apoio** Culturgest

Em vez da longa discussão acerca do fim da arte propomo-nos recordar aqui o mistério do seu nascimento e reflectir, ao mesmo tempo, sobre o carácter enigmático da sua condição contemporânea. Pretendemos assim proporcionar o encontro entre a questão das origens da arte e a questão igualmente em aberto dos seus destinos - o encontro entre uma arte da "Pré-história" e uma arte contemporânea, também chamada "Pós-histórica", enquanto limiares da própria História da Arte.

A arte do Paleolítico e a arte dos nossos dias parecem suscitar uma mesma interpelação fundamental. Situando-se, respectivamente, antes do conceito de "arte", e num depois das suas certezas, levam-nos a indagar a natureza e o significado da arte, fazendo despertar em muitos uma mesma pergunta: "será isto arte?" Para além de todas as incertezas, algo de indubitável: essa primeira memória gráfica e visual da humanidade marca acontecimentos do maior significado antropológico, sem os quais não estaríamos lançados na aventura da arte. O surgimento do gesto simbólico e do gesto técnico, a emergência da cultura e de uma nova relação com a natureza; uma nova experiência da visibilidade através da representação; a presença do homem como aquele que marca o espaço e o território à sua volta fazendo-o seu.

Para reflectir sobre a origem e os destinos da arte e homenagear a arte do Vale do Côa reúnem-se, neste ciclo de conferências, especialistas da imagem e da cultura visual, da linguagem e da escrita, da estética, da história e da teoria da arte.

© Eusebio Almeida



A look at the mysterious origins of art and the enigmatic nature of its current condition - an encounter between pre-historic and contemporary art, at the two extremes of art history.

Palaeolithic art and today's art seem to raise the same basic issues. One dates from before the concept of 'art', and the other from a time after its certainties have vanished, leading us to question the meaning of art itself. Nevertheless, art is the first graphic record made by humanity, marking anthropologically significant events. To reflect on the origins and future of art, including that found in Vale do Côa, these talks bring together specialists in art history, theory, image, visual culture, language and writing.

4 de Maio

José Jiménez

(Universidade Autónoma de Madrid; Director-Geral das Belas Artes, Espanha)
As raízes da arte

Mario Perniola

(Universidade de Roma Tor Vergata)
Arte, Vida e Meio

11 de Maio

Martin Kemp

(Universidade de Oxford)
Cultura Visual

Domingo Hernandez

(Universidade de Salamanca)
Arte e Imagem

18 de Maio

Gilles Tiberghien

(Universidade de Paris I, Sorbonne)
Arte e natureza

25 de Maio

Anne-Marie Christin

(Universidade de Paris VII, Centre d'Étude de l'Écriture)
Legível/Visível

João Zilhão

(Universidade de Bristol)
As origens do pensamento simbólico

La Danseuse Malade

De Boris Charmatz

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h10 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Espectáculo falado em francês,
com legendas em português

Interpretação Jeanne Balibar, Boris Charmatz
Coreografia Boris Charmatz **Textos** Tatsumi Hijikata **Tradução** Patrick De Vos **Luzes** Yves Godin **Som** Olivier Renouf **Performance com capacete concebida e transmitida por** Gwendoline Robin
Cenografia Alexandre Diaz / Dominique Bernard **Direção técnica** Frédéric Vannieuwenhuys **Operação de luz** Eric Houllier
Operação de Som Jacques Marcuse **Construção do cenário** Artefact

com a colaboração de Françoise Meslé para Jacana Wildlife Studio **Produção e administração** Sandra Neuveut **com assistência de** Cécile Tonizzo **Produção** Association Edna; Musée de la danse / CCNRB
Co-produção Le Théâtre de la Ville Paris / Festival d'automne à Paris; co-produção conjunta de CNDC Centre National de Danse Contemporaine Angers e Nouveau Théâtre d'Angers; Centre Dramatique National des Pays de la Loire, no contexto do seu programa de residências de dança e teatro; La Ménagerie de Verre-Paris; deSingel – Antuérpia. **Apoios** ADC Genève-Suíça, Dampfzentrale Bern-Suíça, Gessnerallee

Zurich-Suíça, Tanzquartier Wien-Áustria et Cultures France. Musée de la Danse / Centre Chorégraphique National de Rennes et de Bretagne – Direção: Boris Charmatz. Associação subsidiada por Ministère de la Culture et de la Communication (Direction Régionale des Affaires Culturelles / Bretagne), Ville de Rennes, Conseil régional de Bretagne e Conseil général d'Ille-et-Vilaine. Cultures France apoia regularmente as digressões do Musée de la Danse. Com a gentil autorização do Buto Sôzô Shigen, Tokyo **Estreia** 24 de Setembro de 2008, CNDC d'Angers

Não sei se gosto do Hijikata. Acredito na vontade de transmitir os seus escritos, que eles próprios transmitem a sua dança. A sua dança, o seu butô, as suas inquietações, são legíveis nos terrenos movediços, nos sentimentos de derrota, “esta cabeça de bebé no fundo da minha miséria”, que ele derrama sobre o papel. O que nos poupa talvez radicalmente a necessidade de fazer, refazer, a sua dança. “Embora satisfeitos de termos cabeça e quatro membros, digamos mesmo assim que gostaríamos de ser impotentes, que bem gostaríamos de uma vez por todas de ter nascido impotentes; porque só quando nos vem este



desejo é que se realiza enfim o primeiro passo de dança”.

Não que seja motivo de vergonha tentar refazer o butô (há-de haver de certeza um butô ainda por inventar : o rebutô?! – repulsivo (*rebutant*) deveria ser o novo butô...). Mas a minha ideia é não fazer butô a partir destes textos alucinantes, porque eles têm já o butô em si próprios. A miséria, a lama, a deformidade, as tripas, está lá tudo... O trabalho acontecerá por baixo e ao lado. Exumaremos o pensamento de um artista imenso de forma que nos deixe totalmente entregues às nossas próprias extravagâncias.

Que a força dos seus escritos, que devem ser como que dados a ler, nos deixe livres mesmo no gesto de os transmitir. Não nos inspiremos em Hijikata, não fabriquemos um espectáculo que decora dos seus escritos, não façamos verdadeiramente “uma encenação”.

Brandimos uma bandeira de braço estendido, mas mesmo assim eles são capazes de nos pingar em cima, de derramar as suas imundícies. Talvez seja por isso que eu não sei se sou capaz

de gostar de Hijikata: ele parece sujo, morto, impotente, virgem e obscuro.
Boris Charmatz

O corpo é a minha oficina e o meu ofício, conhecido como dança, é um empreendimento de restauro do humano.
Tatsumi Hijikata

I am not sure if I like Hijikata. I believe in the wish to transmit his writings, his dance, his butoh, concerns and sense of defeat: 'this baby's head at the bottom of my misery'. There is no shame in trying to recreate butoh. My aim is to remake it, but not using the original writings – misery, mud, deformity, guts: it's all there. We will exhume the thought of a huge artist but delve into our own extravagances. The strength of his writing leaves us free in how we transmit it. We are not creating a 'production'. We are waving a flag, arm outstretched, but his writings are liable to drip onto us, coating us in filth. Maybe that is why I cannot like Hijikata – he seems dirty, dead, impotent, virgin and obscene.
Boris Charmatz

A.M.Lisboa: plataforma transcultural para o século XXI?

SALA 2 E PEQUENO AUDITÓRIO

Sessões abertas ao público com entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 30 min. antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Comissário Coordenador Luís Serpa

Produção O Museu Temporário_Projecto[s] de Engenharia Cultural

As indústrias criativas são um potencial para o desenvolvimento económico das regiões pois podem contribuir para a sua internacionalização e para a revitalização de zonas urbanas deprimidas.

A.M.Lisboa: plataforma transcultural para o século XXI? é uma iniciativa que propõe equacionar a viabilidade de um projecto integrado, conjugando as sinergias criadas em redor da vocação da Área Metropolitana de Lisboa para acolher novos talentos e projectos inovadores nas disciplinas da arquitectura, mercado de artes visuais e

antiguidades, audiovisuais (televisão e rádio), artes performativas e entretenimento, cinema e vídeo, design (gráfico e produto), escrita e publicação, moda, música, software educacional e lazer, publicidade e gastronomia, através de projectos transdisciplinares. A iniciativa desdobra-se num conjunto de eventos.

The creative industries offer potential for regional economic development, because they raise their international profile and revitalise run-down urban areas.

This initiative examines the viability of an integrated project which takes advantage of synergy created in the Lisbon Metropolitan Area to welcome new talent and innovative projects in the fields of architecture, the visual arts and antiques market, television and radio, the performing arts, entertainment, cinema and video, graphic and product design, writing and publishing, fashion, music, educational and leisure software, advertising and cuisine. The initiative involves several events.

Michèle Sylvander, da série *Droite De Suite*, 1999-2001
Ilfochrome sobre Alu-Dibon, 120 x 180 cm, Cortesia Galeria Luis Serpa Projectos



7, 8 e 9 de Maio

Grupo de reflexão · Sala 5

A.M.Lisboa: plataforma transcultural para o século XXI?

Sessão exclusiva para participantes convidados.

12 de Maio

Seminário · Sala 2

As indústrias criativas como factor de desenvolvimento das cidades (I)

Apresentação da Plataforma Lisboa Transcultural, uma Agência Metropolitana para o Apoio ao Desenvolvimento das Indústrias Criativas. Reflexão sobre as indústrias criativas como factor de desenvolvimento das cidades.

4 Sessões, ao longo do dia, dirigidas a todos os interessados e em especial a agentes, equipamentos e eventos culturais autónomos. Programa a anunciar.

21, 22 e 23 de Maio

Mesas redondas · Sala 2

As indústrias criativas como factor de desenvolvimento das cidades (II)

4 sessões em cada um dos dias 21 e 22 e duas sessões na tarde do dia 22. Encontros dirigidos a todos os interessados e, em especial, a agentes, equipamentos e eventos culturais autónomos, técnicos superiores e decisores autárquicos, empresas, mecenas. Programa a anunciar.

28, 29 e 30 de Maio

Conferência internacional Pequeno Auditório

As indústrias criativas como factor de desenvolvimento das cidades (III)

4 sessões em cada um dos dias 28 e 29 e 2 sessões na tarde do dia 30, dirigidas a todos os interessados. Programa a anunciar.

Camerata Metropolitana

Orquestra Metropolitana de Lisboa
Concerto comentado por Alexandre Delgado

GRANDE AUDITÓRIO · 11h00

Duração aproximada: 1h15 · M6
€2,5 (preço único)

Direção musical e violino Augustin Dumay

Programa

Anton Webern

Langsamer Satz

Claude Debussy

*Clair de Lune, Beau Soir, En Bateau,
La Fille aux Cheveux de Lin*
(transcrições para orquestra)

Maurice Ravel

Tzigane

Benjamin Britten

Simple Symphony

Este concerto evoca o pendor mais poético das tendências musicais que nasceram com o século XX. Partindo de quatro universos estéticos potencialmente distintos, nele se evidencia

a intensa expressividade e sentimentalismo que afinal lhes foi comum. Tem início com a música de Anton Webern (1883-1945), uma figura que nos aparece vulgarmente associada ao dodecafonismo e aos recursos mínimos que aplicou nalgumas das suas composições. Em *Langsamer Satz* escuta-se, porém, o jovem discípulo de Schoenberg ainda imerso no romantismo oitocentista, sempre subtil, mas intenso e suntuoso na emotividade que pretendeu transmitir. Já com Debussy (1862-1918), é-nos proposta uma viagem ao *fin-de-siècle*, através da transcrição para os instrumentos de corda da orquestra de algumas das suas mais belas canções e peças para piano. Destaca-se entre elas a encantatória *Clair de Lune*, parte integrante da *Suite Bergamasque*. De Ravel (1875-1937), nome também associado ao impressionismo francês, é interpretada a sempre espectacular *Tzigane*. O fascínio

Augustin Dumay



que este compositor manteve pelo exotismo reflectiu-se ao longo de toda a sua carreira. É disso exemplo esta “rap-sódia de concerto”, em que a tradição musical cigana é pretexto para o mais depurado virtuosismo instrumental, sem nunca perder de vista os mais pungentes afectos. Apresenta uma estrutura em que se sucedem diferentes ritmos de dança, entusiasmando o público através de uma acumulação interminável de efeitos sonoros extraídos do violino. Por último, a *Simple Symphony* de Britten (1913-1976) – que de simples só guarda o nome – combina de forma sofisticada sonoridades musicais tão díspares como a música do século XVIII e a valsa dos salões burgueses. Datada de 1934, esta obra identifica-se com a estética neoclássica, recuperando técnicas de composição do passado e colocando-as ao serviço de um propósito artístico sempre renovado.

A concert echoing the 20th century’s more poetic musical trends. It starts with Anton Webern, a composer commonly associated with dodecaphonism and a minimalist approach. However, when he wrote *Langsamer Satz* he was still immersed in 19th century romanticism. We travel with Debussy through some of his most beautiful pieces, including the enchanting *Clair de Lune*. From Ravel comes the spectacular *Tzigane*. He was fascinated by the exotic throughout his career, and this is a fine example: virtuosity based on gypsy musical tradition. Finally comes Britten’s *Simple Symphony* – simple in name only; it is a sophisticated blend of influences, dating from 1934, recalling the techniques of earlier composers.

Eros + Revolta

O novo cinema japonês dos anos 60

Comissário: Augusto M. Seabra

PEQUENO AUDITÓRIO
M16 · €3,5 (preço único)

Em 1960, ao mesmo tempo que se discutia com enormes manifestações de rua a renovação do tratado de defesa nipo-americano, um *tsunami* ocorreu no cinema: chamaram-lhe então *Shochiku Nabero Bagu*, compósito singular porque a *Shochiku* era (e é) uma das grandes empresas cinematográficas japonesas e *Nabero Bagu* é a transcrição fonética da pronúncia japonesa de *Nouvelle Vague*. Nagisa Oshima sobretudo, Masahiro Shinoda e Yoshihige Yoshida foram os autores emergentes dessa “nova vaga”, enquanto Shohei Imamura se inicia na realização noutra estúdio, a *Nikkatsu*.

Ao contrário dos seus contemporâneos nos diversos novos cinemas dos anos 60, os japoneses, pelo menos

aqueles de maior relevo, ainda passaram, num ápice, pelo tirocinio de assistentes de realização. Mas foi o próprio ocaso do sistema de estúdios em que se fundara o cinema clássico japonês, de Mizoguchi, Ozu ou Naruse, ou a geração humanista do pós-guerra, a de um Kurosawa, que fez com que tão precocemente, pelas normas desse sistema, se estreassem esses realizadores – para os estúdiosurgia fazer filmes para um público jovem. Quase de imediato se dá a ruptura, apenas Seijun Suzuki (cineasta um pouco mais velho) permanecendo ainda alguns anos no seio do sistema, nas bordas do *pinku eiga*, o cinema erótico, e a fundo no *Nikkatsu Action*, de um modo todavia profundamente original.

O questionamento da sociedade japonesa, as pesquisas formais e a quebra de tabus figurativos de ordem erótica

Tokyo nagaremono (O Vagabundo de Tóquio), Seijun Suzuki



tornaram as sequelas da *Nabero Bagu* num dos pólos mais radicais dos novos cinemas dos anos 60.

Neste ciclo apresentam-se filmes de todos os autores maiores, em termos de ficção, com destaque justificado para Oshima mas também para o génio iconoclasta de Suzuki (autor que Quentin Tarantino amplamente “citou” em *Kill Bill*) realizador assim finalmente apresentado em Portugal.

A tsunami called *Shochiku Nabero Bagu* hit Japanese cinema in the 1960s (*Shochiku* is one of Japan’s top film studios and *Nabero Bagu* is a phonetic rendering of *Nouvelle Vague*). At its head were Masahiro Shinoda, Yoshihige Yoshida and especially Nagisa Oshima.

As Japan’s studio system, which spawned Mizoguchi, Ozu, Naruse and

the post-war humanist generation of Kurosawa declined, these new directors emerged. Japanese society was asking questions and breaking erotic taboos, and *Nabero Bagu* became a radical focal point of ‘60s cinema. This series includes films by all of its major directors, with the emphasis on Oshima, but also the iconoclastic Seijun Suzuki.

Um especial agradecimento
à Japan Foundation



Ciclo de Cinema Japonês dos Anos 60
De 12 a 17 de Maio de 2009

Filmes legendados em inglês, excepto *O Enforcamento* que será legendado em português.

Terça-feira 12

18h30

Taiyo no hakaba (O Cemitério do Sol)
de Nagisa Oshima, 1960, 16mm, 87'

21h30

Nihon no yonū tokiri (Noite e Nevoeiro no Japão) de Nagisa Oshima, 1960, 16mm, 107'

Quarta-feira 13

18h30

Nihon shunka ko (Sobre as Canções Brejeiras Japonesas) de Nagisa Oshima, 1967, 16mm, 103'

21h30

Akitsu Onsen (As Termas de Akitsu)
de Yoshishige Yoshida, 1962, 35mm, 112'

Quinta-feira 14

18h30

Nippon konchūki (A Mulher-Insecto/ Crónicas Entomológicas do Japão)
de Shohei Imamura, 1963, 35mm, 123'

21h30

Akai Satsui (Desejo Assassino)
de Shohei Imamura, 1964, 35mm, 150'

Taiyo no hakaba (O Cemitério do Sol), Nagisa Oshima



Sexta-feira 15

18h30

Yuke yuke nidome no shojo (Go, Go, second time virgin) de Kōji Wakamatsu, 1969, 65'

21h30

Bara no Soretsu (O Funeral das Rosas)
de Toshio Matsumoto, 1969, 16mm, 105'

Sábado 16

15h30

Nikutai no mon (A Porta da Carne)
de Seijun Suzuki, 1964, 35mm, 90'

18h30

Kenka erejii (Elegia da Luta)
de Seijun Suzuki, 1966, 35mm, 86'

21h30

Tokyo nagaremono (O Vagabundo de Tóquio) de Seijun Suzuki, 1966, 16mm, 83'

Domingo 17

15h30

Shinju ten no Amijima (Duplo Suicídio em Amijima) de Masahiro Shinoda, 1969, 16mm, 105'

18h30

Koshikei (O Enforcamento)
de Nagisa Oshima, 1968, 35mm, 117'

21h30

Erosu+Gyakusatu (Eros + Massacre)
de Yoshishige Yoshida, 1969, 35mm, 167'

Nihon shunka ko (Sobre as Canções Brejeiras Japonesas), Nagisa Oshima



Paul Bley Solo

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h00 · M12

€20 · Jovens até aos 30 anos: €5

Paul Bley nasceu em Montreal, Canadá, em 1932. Muito novo estudou música clássica com vários professores. Aos 5 anos dava recitais de violino, aos 7 começou a estudar piano. Durante a juventude tocou na sua cidade natal em vários grupos de jazz, alguns dos quais dirigiu. Em 1950, com 18 anos, foi para Nova Iorque – passando desde então a viver nos Estados Unidos – estudar na Julliard School e começou a apresentar-se com músicos como Charlie Parker, Sonny Rollins, Ben Webster e outros. Durante a sua longa carreira Paul Bley terá sido, a seguir a Miles Davis, o músico de jazz que trabalhou com mais artistas de primeiro plano com opções musicais muito variadas. A sua discografia, com cerca de 100 títulos, é disso

testemunho. Para além dos já citados, nomes como Charles Mingus, Lester Young, Chet Baker, Steve Swallow, Gary Peacock, John Scofield, Gary Burton, Pat Metheny, Paul Motion, Billy Hart, John Surman, Lee Konitz, Bill Evans, Cecil Taylor, Ornette Coleman, Charlie Haden, fazem parte da extensa lista de *jazzmen* com quem tocou e gravou.

Bley esteve ligado à vanguarda do jazz dos anos de 1960, sendo um dos seus elementos mais activos. Foi igualmente precursor na utilização do sintetizador, tendo dado o primeiro concerto da história com esse instrumento em 1969 no Philharmonic Hall de Nova Iorque. Em meados da década de 1970, com a artista de vídeo Carol Goss, iniciou uma colaboração pioneira entre músicos de jazz e artistas de vídeo.

O seu primeiro disco de piano solo foi gravado em 1972 para a editora ECM.

Paul Bley apresenta-se, desde há



muitos anos, em concertos por todo o mundo, a solo ou com formações muito diversas, tocando composições suas, *standards*, ou lançando-se em solos espontâneos, improvisados no momento.

At five years old, Montreal's Paul Bley was giving violin recitals, and he took up piano at seven. He played in several jazz bands in his home town before heading for New York in 1950, performing with such greats as Charlie Parker, Sonny

Rollins and Ben Webster. Other than Miles Davis, he has worked with more top artist than any other jazzman, appearing on over 100 albums with the likes of Charles Mingus, Lester Young, Chet Baker, Steve Swallow, Gary Peacock, John Scofield, Gary Burton, Pat Metheny, Paul Motion, Billy Hart, John Surman, Lee Konitz, Bill Evans, Cecil Taylor, Ornette Coleman and Charlie Haden. Live, he performs either solo or with bands, playing his own compositions, standards, or improvising.

PANOS

palcos novos palavras novas

**PEQUENO AUDITÓRIO
E PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO**
M12 · €2,5 (preço único)

Refuga
de **Abi Morgan**

Nós Numa Corda
de **Miguel Castro Caldas**

Coro dos Maus Alunos
de **Tiago Rodrigues**

Três novas peças foram encenadas por mais de trinta grupos espalhados pelo país. Na sua quarta edição, os PANOS continuam a juntar a nova dramaturgia ao teatro escolar ou juvenil. Os actores têm entre os 12 e os 18 anos, os espectáculos não duram mais de uma hora. E os autores Abi Morgan, Miguel Castro Caldas e Tiago Rodrigues juntam-se a uma lista que já inclui Hélia Correia, Jacinto Lucas Pires, Mark Ravenhill, Alexandre Andrade, Armando Silva Carvalho, Ali Smith, Dennis Kelly, Letizia Russo, Luísa Costa Gomes e Patrícia Portela.

Fez-se o habitual *workshop* de Novembro, com os encenadores Jonathan Humphreys, Gonçalo Amorim e Pedro Gil a trabalharem cada um em volta de um texto com os responsáveis dos grupos e a presença dos autores portugueses. Seguiu-se o período de ensaios, com estreias até ao fim de Abril. E agora é altura de apresentar, num festival de encerramento que dura um fim-de-semana alargado, dois espectáculos (dois exemplos) de cada texto, escolhidos por um comité de selecção. Haverá ainda festivais em Viseu (Teatro Viriato), Guimarães (Teatro Oficina), Coimbra (Teatrão) e Santarém (Teatro Sá da Bandeira). Será editado um volume com os textos. E em breve começa novo ciclo: pede-se aos interessados que fiquem atentos à página dos PANOS no site da Culturgest.

Kodjo tem 14 anos mas ninguém acredita nele. Ara vem de Bagdad e ainda ouve as bombas à noite. Chang consegue dar mortais para trás e vem de uma aldeia na China que tem mais de mil

anos. Todos têm as suas histórias e os seus segredos. A mãe de Chang morreu no camião a caminho do Reino Unido. Kodjo é o rapaz que acabou de chegar. Juntos contam a sua história: uma infância perdida, árvores altas e um assassínio em movimento, cometido por uma criança que toda a gente diz que é um homem. Apenas mais um entre os menores desacompanhados que chegam a Londres. É assim *Refuga*, de Abi Morgan, escrita para o Connections do National Theatre de Londres, o programa em que os PANOS se inspiraram.

Miguel Castro Caldas, a propósito de *Nós numa corda*, diz coisas como estas: “Lembram-se daquele caso do telemóvel que foi filmado e tudo? Da professora e da aluna? No meu tempo não havia telemóveis, claro, mas nunca nenhum professor me tirou nada. Os professores davam. Davam notas, davam faltas, davam fotocópias, davam o livro de ponto ao pessoal auxiliar. Os alunos é que tiravam: boas notas, negativas, tiravam coisas uns aos outros. Mas mudou alguma coisa? A escola, quando se vai lá, aquilo está sempre cheio de alunos. Que nunca crescem. Têm sempre mais ou menos quinze anos. Ou são os alunos que estão de passagem, e os professores a vê-los passar. Cada um puxa a corda para o seu lado, ou o telemóvel. Quem dá e quem tira, quem percorre os corredores? Ou serão os corredores a percorrê-los?”

Coro dos maus alunos de Tiago Rodrigues é a história de um velho professor de filosofia com uma “alma jovem”, fã de controvérsias e promotor do espírito crítico dos seus alunos em relação à escola. Acusado de os confundir e de manter com eles relações que ultrapassam os limites de uma relação

entre professor e aluno, o professor é submetido a um processo. Esta é uma variação contemporânea sobre o julgamento de Sócrates, ocorrido em plena democracia ateniense. Tal como em Atenas, é pela voz dos alunos que conhecemos, distorcida e interpretada, a vida do velho professor e a história do seu julgamento. Resta aos alunos registar e tornar pública a injustiça que testemunharam. No entanto, é necessário primeiro garantir que são ouvidos por todos.

PANOS commissions and translates new plays for young people, inspired by the National Theatre of London's Connections project. Now in its fourth year, a selection from over 30 shows produced all across the country by school and youth theatre groups will be presented in a festival at Culturgest. The plays were written by Abi Morgan (originally for Connections), Miguel Castro Caldas and Tiago Rodrigues. A book will be published with all three scripts.

Escudos Humanos pelo Teatro Reticências (2008)
© Sérgio Salgueiro



Via Latina

OrchestrUtopica

Música contemporânea de Portugal e Espanha

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h20 · M12

€10 · Jovens até aos 30 anos: €5

Maestro Joan Cerveró
Programa a anunciar

De Lisboa a Valência... o concerto *Via Latina* une dois mundos musicais que, apesar da proximidade geográfica, se conhecem reciprocamente mal.

Via Latina apresentará, em paralelo, três obras de compositores portugueses e três de espanhóis dos nomes mais representativos e marcantes do panorama actual da música dos dois lados da fronteira.

O concerto *Via Latina* faz parte de um projecto de cooperação internacional em rede, partilhado entre a OrchestrUtopica

e o Grup Instrumental de València que consiste na realização de dois concertos em simultâneo nas duas cidades, com o mesmo programa. No concerto de Lisboa a OrchestrUtopica será dirigida por Joan Cerveró. Inversamente, no concerto de Valência, o Grup Instrumental de València será dirigido por Cesário Costa.

A ligação que se estabelece, assim, entre compositores, músicos e público de Portugal e Espanha, procura criar novos laços entre as culturas musicais contemporâneas dos dois países, contribuir para o conhecimento recíproco e dar mais um passo na internacionalização da nova música portuguesa.

The *Via Latina* concert unites the musical worlds of Lisbon and Valencia, which have little contact despite their geo-



graphical proximity. It will involve three works by Portuguese composers and three by Spanish composers representing the current musical panorama each side of the border.

Via Latina is part of a cooperation project involving OrchestrUtopica and Grup Instrumental de València, in which two concerts with the same programme take place at the same time in both cities. In Lisbon, OrchestrUtopica will be conducted by Spain's Joan Cerveró, while in Valencia the conductor will be Portugal's Cesário Costa. This link between both countries will help the international spread of Portuguese music.

O livro na era da sua reprodutibilidade digital

Por José Afonso Furtado

SALA 2 · 18h30

Entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 30 min. antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

2 de Junho

A longa História do Livro

16 de Junho

Novos suportes e mediação tecnológica

23 de Junho

Escrever, editar e ler na era digital 1

30 de Junho

Escrever, editar e ler na era digital 2

A Web social

Historicamente, somos os herdeiros de uma “ordem do livro” que conformou, durante séculos, o nosso campo cognitivo, cultural e político, ou seja, uma certa maneira de produzir saber, sentido e sociabilidade. As nossas representações, as nossas percepções e as nossas categorias foram, assim, dominadas

por um conjunto de “fenómenos de longa duração”, desde a morfologia do códice à cultura do impresso, desde a identificação entre o livro e a obra até à noção de “função autor”. História longa do livro, portanto, que é, também, uma história da escrita, dos seus suportes, da sua transmissão, disseminação e recepção. É este conjunto de heranças sedimentadas que a emergência de uma sociedade de informação e em rede e o desenvolvimento das novas tecnologias digitais vêm pôr em questão: encontramos-nos num momento de transição para um novo paradigma em que se assiste a um desenvolvimento exponencial da produção de documentação e informação directamente sob forma digital e a uma progressiva digitalização dos conteúdos de uma cultura analógica e do impresso. Esta situação não pode deixar de afectar significativamente o modo tradicional de pensar a natureza e funções do livro, da escrita, da leitura



e suas práticas, os modos técnicos de produção e de reprodução dos textos, as economias da autoria e edição e as formas de transmissão do saber.

José Afonso Furtado (1953) é Director da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste de Gulbenkian e Docente no Curso de Pós-graduação em “Edição: Livros e Novos Suportes Digitais” da Universidade Católica Portuguesa. É membro da Comissão de Honra do Plano Nacional de Leitura e autor de várias conferências, artigos e livros, designadamente *O papel e o pixel. Do impresso ao digital: continuidades e transformações*, Lisboa: Ariadne, 2007, também publicado no Brasil e em Espanha, e *A Edição de Livros e a Gestão Estratégica*, Lisboa: Booktailors – Consultores Editoriais, 2009.

Books have influenced our thought, culture and politics for centuries, producing knowledge, sense and sociability. Our representations, perceptions, and categories were thus historically dominated by a set of ‘long-term phenomena’. This is the inheritance that is now put in question by the emergence of an information society and the development of digital technologies. A new paradigm is emerging, characterized by an exponential rise in information created directly in digital form, and a progressive digitalization of content from analogue and print culture. This situation will inevitably affect traditional notions of the nature and functions of the book, of writing, and of reading. José Afonso Furtado is director of the Calouste Gulbenkian Foundation’s Art Library and lectures at the Portuguese Catholic University.

Joe McPhee

Ciclo de concertos comissariado por filho único

CULTURGEST PORTO · 22h00

Duração: 1h00 · M12 · €5 (preço único)

[Bilhetes à venda nos locais habituais \(ver Informações e Reservas no final desta brochura\) e na Culturgest Porto - Galeria, na Avenida dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espectáculo até à hora do início do mesmo.](#)

Nascido em Miami em 1939, aos 8 anos tocava trompete. A partir de finais dos anos 1960 iniciou-se numa grande variedade de instrumentos (todo o tipo de saxofones, clarinete, trombone, piano), explorando tanto a música acústica como a electrónica.

Neste concerto apresenta-se a solo, registo em que tem trabalhado e editado desde meados dos anos 1970, tendo

iniciado carreira em nome próprio no ano de 1969, com o clássico do *free jazz* *Underground Railroad*.

Influenciado por John Coltrane, Albert Ayler e Ornette Coleman (figura essencial no arranque do seu percurso), Joe McPhee é um dos mais relevantes espíritos livres e transgressores da forma e do vocabulário do jazz e de áreas que ele mesmo ajudou a tornar adjacentes. Colaborando desde cedo com músicos com preocupações estéticas e espirituais semelhantes, em direcção ao desconhecido e ao vibrante, trabalhou com a vanguarda da música electrónica dos anos de 1970, caso da Deep Listening Band de Pauline Oliveros, pioneira da música contínua.

O currículo de McPhee conta com mais de meia centena de álbuns, entre os quais muita obra em seu nome pró-



prio na editoria de jazz HatHut, fundada precisamente para lançar a sua música. Trabalhou com uma lista interminável de artistas seminais da música das últimas quatro décadas, sendo hoje, tanto ou mais do que no passado, um barómetro dos novos terrenos por onde o jazz caminha.

Para mais informação visite www.joemcphee.com

Joe McPhee was already playing trumpet at the age of eight. In the late 1960s he also took up saxophone, clarinet, trombone and piano, performing acoustic and electronic music. He has regularly performed solo since the early 1970s, and the Culturgest show will be a solo concert.

Influenced by Coltrane, Albert Ayler and Ornette Coleman, McPhee is one of

the leading free spirits of jazz, and he has long worked with musicians with a similar outlook. He was in the vanguard of electronic music in the 1970s, and pioneered 'continuous music' with Pauline Oliveros' Deep Listening Band. He has released over 50 albums, many under his own name, and has worked with an endless list of seminal artists over the last 40 years.

João Paulo toca Carlos Bica

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h15 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Piano João Paulo Composições Carlos Bica
Participação especial Carlos Bica

Elogiar um amigo poderá parecer algo demasiado óbvio e de pouco interesse.

No entanto é impossível falar sobre o João Paulo sem lhe tecer elogios.

João Paulo é, na minha opinião, o músico referência no panorama da música improvisada feita em Portugal. Apesar do mercado exigir que um músico traga sempre consigo, e de preferência em letras bem legíveis, um rótulo musical, ele recusa-se a fazê-lo, ou melhor, são os rótulos que se afastam dele por ser demasiado honesto. Músico dono de uma mestria de instrumento e de uma musicalidade genial raras, João Paulo é muito mais do que apenas um excelente pianista, ele é um músico capaz de criar do momento, do agora.

Sinto-me especialmente lisonjeado por poder ouvir o João Paulo a tocar a minha música. Ele interpretou, recriou e inventou as minhas composições. Apenas me resta agradecer-lhe profundamente por este especial acto de cumplicidade artística e pela sua amizade.
Carlos Bica

João Paulo nasceu em Lisboa em 1961. Começou muito cedo os seus estudos musicais, na Academia de Santa Cecília, iniciando-se rapidamente no piano. Posteriormente, ingressou no Conservatório Nacional, onde, em 1984, obteve o diploma do Curso Superior de Piano com a classificação máxima.

Entretanto, tinha uma intensa actividade nas áreas do jazz e da música popular, participando em grupos de jazz, ensinando na escola do Hot Clube, apresentando-se no Cascais Jazz, acompanhando artistas como Fausto, José Mário Branco e Sérgio Godinho em espectáculos e gravações.

João Paulo



Foi para Paris aprofundar os seus estudos no Conservatório de Rueil-Malmaison onde obtém as mais altas distinções. E ficou por mais quatro anos, dando vários recitais em França e Estados Unidos, dos quais se destacam os de Nova Iorque (Carni Hall em 1986 e Carnegie Hall em 1989).

De volta a Portugal em 1992 continuou a colaboração com artistas como Sérgio Godinho, Vitorino, Filipa Pais, entre outros.

Na área do jazz tem trabalhado, por exemplo, com Tomás Pimentel, Mário Laginha, Maria João, Carlos Martins, André Fernandes, Carlos Barretto, Carlos Bica, Jorge Reis, Mário Franco, José Salgueiro, Bruno Pedroso e numerosos músicos estrangeiros, apresentando-se frequentemente em concerto, nacional e internacionalmente. A sua discografia enquanto líder conta com 9 álbuns.

Carlos Bica © Nuno Calado



For Carlos Bica, João Paulo is Portugal's leading improvisational musician. He was born in Lisbon in 1961 and graduated from the Portuguese National Conservatory in 1984. He always enjoyed jazz and popular music, playing in jazz bands and teaching jazz, as well as accompanying musicians such as Fausto, José Mário Branco and Sérgio Godinho live and in the studio.

After studying in Paris and giving recitals in France and the US, notably New York (Carni Hall in 1986 and Carnegie Hall in 1989), he returned to Portugal in 1992. In the jazz world he has worked with Tomás Pimentel, Mário Laginha, Maria João, Carlos Martins, André Fernandes and many many others, plus numerous foreign musicians, and has nine CDs to his name.

Xangai

Brasilerança

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h15 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Violão Xangai

Bandolim e violão Fabrício Rios

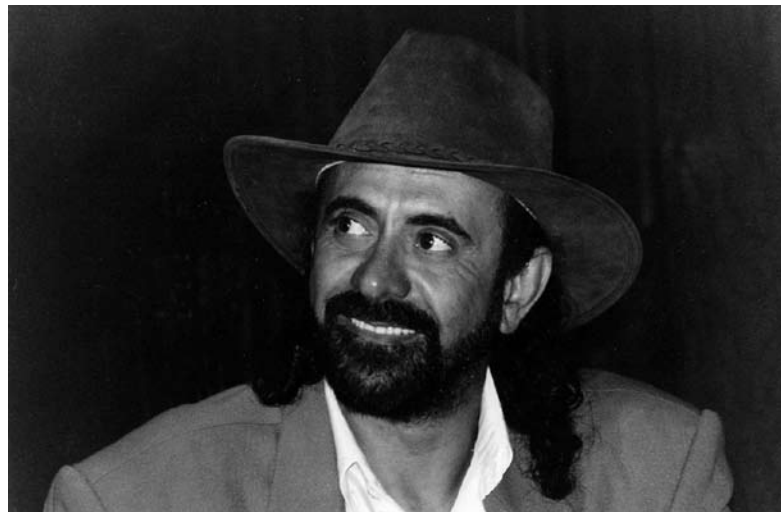
Um dos artistas mais importantes do seu país, ex-vaqueiro, Eugénio Avelino nasceu no sertão da Bahia, filho e neto de mestres tocadores de sanfona (nome popular para o acordeão). Em rapaz trabalhou numa sorveteria do seu pai, a Xangai, e passou a ser conhecido por esse nome.

Viveu tempos na fazenda do seu primo, o compositor e cantor Elomar, decisivo na sua formação artística. Ainda passou uns anos no Rio de Janeiro, começando a estudar economia, mas deixou os estudos para se dedicar à sua carreira artística.

“Sou de um berço de tocadores de sanfona, mas não foi isso que me fez artista, porque tenho plena consciência de que esse dom já estava comigo; apenas, e cada vez mais, venho buscando apurar, melhorar o meu envolvimento com a música, a poesia”.

Com a sua voz poderosa canta a música e os ritmos do nordeste: forró, rastapé, xote, ligeira, baião, coco, galope, ...ou canções românticas. Tocando com diversas formações, é sozinho que se solta mais, com a sua forma única de tocar o violão. Nessas alturas, não prepara uma lista de canções, vai cantando canções antigas, consagradas, canções novas compostas por si ou por músicos que admira, ao sabor da inspiração do momento.

Em mais de 30 anos de carreira, gravou cerca de 20 discos, a solo ou em parcerias, fez inúmeras digressões por



todo o Brasil e pelo estrangeiro, produz e apresenta um programa na Rádio Educadora da Bahia, onde leva nomes da música popular que não passam nos grandes meios de comunicação.

“O que eu canto é a presença de minha própria realidade”. “Minhas cantigas (...) retratam a minha aldeia, aquilo com que me identifico, porque gosto de falar a respeito do ambiente que tenho conhecimento, das situações do ser humano à minha volta”.

One of Brazil's leading artists, Eugénio Avelino was born into a family of master accordionists. His name Xangai comes from his father's ice-cream store where he worked as a boy. He lived for a while on the farm of his cousin, the singer and composer Elomar. He also spent a few years in Rio to study, but opted instead for a musical career.

“I am from a family of accordionists, but that did not make me an artist [...] that gift was already in me.”

He sings the music of north-east Brazil, or romantic songs. Although he plays with various bands, he is freer as solo artist, his unique violin style allowing him to play according to his mood. He has recorded over 20 CDs, and has toured Brazil and other countries many times.

Orquestra do Algarve

Concerto comentado por Cesário Costa e Patrício da Silva

GRANDE AUDITÓRIO · 11h00

Duração: 1h00 · M6 · €2,5 (preço único)

Maestro Cesário Costa

Programa

Joly Braga Santos *Stacatto Brillhante*
Patrício da Silva *The Fact of the Matter*
as a Matter of Fact
Igor Stravinsky *Pulcinella*

O programa do último concerto comentado deste ano inicia-se com o *Stacatto Brillhante* de Joly Braga Santos. Trata-se da última obra que o compositor escreveu para orquestra e destina-se a funcionar como uma abertura de concerto, brilhante e entusiasmante para o público. Braga Santos foi um dos grandes compositores portugueses do século XX. Exímio na escrita orquestral e grande melodista, pretendia que a sua música “falasse ao homem comum com simplicidade”.

Segue-se uma peça de outro compositor português da nova geração, Patrício da Silva, escrita em 2007. Patrício da Silva estudou na Escola Superior de Música de Lisboa e doutorou-se em composição na Universidade da Califórnia. Grande parte da sua carreira tem-se desenrolado nos Estados Unidos. É compositor residente da Orquestra Sinfónica de Berkeley, na Califórnia. As suas obras têm sido tocadas nos EUA e em vários países europeus, incluindo, é claro, Portugal. *The Fact of the Matter as a Matter of Fact* é uma peça de 12 minutos em 3 andamentos, que tem como ponto de partida o uso da série dos harmónicos, como o próprio compositor explicará nos seus comentários.

O concerto termina com a suite *Pulcinella* de Stravinsky. Esta obra foi encomendada em 1920 por Diaghilev, o famoso empresário dos Ballets



Russes, para um bailado com cenários e figurinos de Pablo Picasso. Nesta suite, de características “neo-clássicas”, Stravinsky utiliza excertos de obras de compositores italianos do século XVIII, nomeadamente de Pergolesi.

Teremos assim um programa variado, com excelentes peças, acessíveis a todo o público.

A Orquestra do Algarve estreou-se em 2002. Desde então, tem desenvolvido uma intensa actividade em Portugal e no estrangeiro. Gravou 5 CD's, dois dos quais para a editora Naxos. Foi dirigida por grandes maestros e colaborou com solistas de renome internacional. Cesário Costa, que o público da Culturgest bem conhece, é actualmente o Principal Maestro Convidado.

The programme for this year's final commented concert begins with *Stacatto Brillhante* by Joly Braga Santos - his final work for orchestra. Braga Santos was one of Portugal's greatest 20th century composers. It will be followed by a piece by another Portuguese composer, Patrício da Silva. Da Silva studied in Lisbon and California, and much of his career has been in the US. The concert ends with Stravinsky's *Pulcinella* suite, commissioned in 1920 by Diaghilev for a ballet with sets and wardrobe by Picasso.

The Orquestra do Algarve was launched in 2002. It has been conducted by leading maestros and worked with internationally renowned soloists. The current principal guest conductor is Cesário Costa.

Silenciador

De Jacinto Lucas Pires
Um espectáculo do Teatro Oficina

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h00 · M12

€12 · Jovens até aos 30 anos: €5

Encenação Marcos Barbosa

Com Diana Sá, Emílio Gomes e Ivo Bastos

Assistência de Encenação Leonor Zertuche

Cenografia e Figurinos Sara Amado Iluminação Pedro

Carvalho Som e Música Sérgio Delgado

Produção executiva Teatro Oficina

Estreia 9 de Outubro de 2008, Centro

Cultural Vila Flor (Guimarães)

Dois detectives, próximos como irmãos, vivem o dia-a-dia de funcionários públicos numa espécie de estado policial do futuro. Um lugar muito “pós-moderno”, “pré-fabricado”, “português-suave”. Há um crime no seio da elite, o assassinio de um homem importante, uma “personagem”. E aí, banguê-banguê!, começam as perguntas. Quem é o morto ao certo? É mesmo o empresário público que os jornais descrevem em notícias breves, nas páginas da sociedade? Ou alguém

mais perigoso? Um “agente comuni-cador”? Um supermarqueteiro? Um espião interno-duplo? Num tempo que ecoa os anos 50 do *film noir* e o futuro de alguma ficção científica, gente à volta de um mistério. Dois homens num escritório a trabalhar e de repente – uma mulher. Uma estrangeira que fala de outra maneira a língua oficial do estado. Uma incapacidade, um indício ou um truque? (A palavra como lugar último da resistência e da subversão?) Uma peça de teatro onde se joga com os vários monumentos óbvios das histórias policiais. Pouca luz, diálogos curtos, muito artifício, chapéus, cigarros. O mistério é resolúvel pela linguagem?

Esta é a mais recente peça de Jacinto Lucas Pires, aqui na sua apresentação lisboeta. O livro foi editado pela Cotovia.

Jacinto Lucas Pires publicou livros como *Azul-turquesa* (ficção, 1998), *Abre para cá* (contos, 2000), *Livro usado* (viagem ao Japão, 2001), *Escrever, falar*



(teatro, 2002), *Do sol* (romance, 2004), *Figurantes* (teatro, 2005), *Perfeitos milagres* (romance, 2007) ou *Assobiar em público* (recolha de contos, 2008), sempre na Cotovia. Escreveu e realizou as curtas-metragens *Cinemaamor* (1999) e *B.D.* (2004). Escreveu várias peças de teatro, entre as quais *Universos e frigoríficos*, *Arranha-céus*, *Coimbra b* e *Os vivos*, tendo trabalhado com encenadores como Manuel Wiborg, Ricardo Pais, Marcos Barbosa e João Brites. Na Culturgest, escreveu para os PANOS 2006 *Octávio no Mundo*.

Marcos Barbosa é fundador de .ililástico, onde encenou peças de David Mamet, Jacinto Lucas Pires e José Tolentino Mendonça. Trabalhou no México, em Monterrey, onde encenou textos de Sinisterra e Mário Cantú, bem como *Oximoro*, de sua autoria. Encenou as óperas *Così Fan Tutte* e *Ópera dos Três Vinténs*. É director artístico

do Teatro Oficina de Guimarães. Na Culturgest encenou, em 2006, *Thom Pain/Lady Grey*, de Will Eno.

Two detectives live in a kind of future police-state. An important man is murdered and questions are raised. Who really is the dead man? Is he the man we think he is, or someone more dangerous? The play is a combination of film noir and science-fiction. Two men are working in an office and a woman appears – a foreigner who speaks the official state language in a different way. Is it a handicap, a clue or a trick?

Silenciador, Jacinto Lucas Pires' latest play, pays homage to bygone detective tales: low lighting, short dialogues, hats, cigarettes. Can the mystery be solved by language?

Rafael Toral, John Edwards e Tatsuya Nakatani

Ciclo ISTO É JAZZ?

Comissário: Pedro Costa

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h00 · M12 · €5 (preço único)

Amplificador MT-10 modificado, sintetizador modular e circuito de ressonância modulada Rafael Toral

Contrabaixo John Edwards

Percussão Tatsuya Nakatani

O Trio formado por Rafael Toral, John Edwards e Tatsuya Nakatani aparece no ciclo "Isto é Jazz?" em estreia mundial, desafiando os limites do jazz, da música improvisada e electrónica. É um ensemble em que todos estão em pé de igualdade, com resultados tão imprevisíveis como a riqueza dos músicos que o compõem deixa supor.

Este tipo de formação (electrónica com contrabaixo e percussão) pode induzir em erro quem pensar que se trata de uma internacionalização do Space Trio de Toral, um grupo de inspiração *free*. Aqui apenas existe a

junção de três músicos e três mundos muito pessoais. Não há dúvidas sobre a capacidade de qualquer um dos três em se relacionar com o jazz, cada um à sua maneira, mas este é um concerto que leva bem longe a resposta à pergunta que dá nome ao título deste ciclo.

Rafael Toral é um músico e artista que se notabilizou pelo trabalho com guitarra e electrónica, tendo sido considerado nos anos 1990 pelo *Chicago Reader* "um dos guitarristas mais dotados e inovadores da década". Colaborou com John Zorn, Jim O'Rourke, Alvin Lucier, Roger Turner e Evan Parker, mantendo uma importante e duradoura parceria musical com Sei Miguel. Em 2004 lançou o Space Program, uma pesquisa de longo curso sobre *performance*, silêncio, disciplina e estruturação do discurso musical com instrumentos electrónicos experimentais, numa abordagem marcada pelo valor da expressão física

Rafael Toral © Nuno Martins



John Edwards



Tatsuya Nakatani © Makoto Takeuchi



do corpo. Traçando uma orientação sem precedentes conhecidos, centra na "música electrónica pós-*free jazz*" o seu campo de trabalho.

John Edwards tem estado envolvido numa grande diversidade de projectos, seja na música escrita como na improvisada. É um dos mais solicitados baixistas da cena jazzística londrina. O seu nome figura em mais de 80 gravações e muito recentemente editou o seu primeiro CD a solo.

Tatsuya Nakatani é um dos mais originais percussionistas da actualidade, inventando muitos dos instrumentos que toca e desenvolvendo novas técnicas. A sua linguagem baseia-se na música experimental e improvisada, jazz, *free jazz*, rock, *noise* e também na música tradicional japonesa. Tem tocado por todo o mundo e em várias palcos de grande nome.

The trio formed by Rafael Toral, John Edwards and Tatsuya Nakatani marks its world première at 'Isto é Jazz?', a series of concerts challenging the limits of jazz, improvised and electronic music. The group is a meeting point for three musicians and three very personal worlds, and the concert will go a long way to answering the question in the series' title: is this jazz?

Toral is noted for his guitar and electronic work. John Edwards has been involved in all kinds of projects, and is one of the most sought-after bassists on the London jazz scene. Tatsuya Nakatani is one of today's most original percussionists, inventing instruments and techniques. His roots are in jazz, rock and traditional Japanese music.

Jerusalém

Ópera de câmara de Vasco Mendonça
Libreto de Gonçalo M. Tavares

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h20 · M12

€18 · Jovens até aos 30 anos: €5

Direcção musical Cesário Costa

Encenação Luis Miguel Cintra

Cenários e figurinos a anunciar **Iluminação** a anunciar

Intérpretes a anunciar

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Produção executiva Vera Herold

Produção DuplaCena

Duplacena é uma estrutura financiada pela Direcção-Geral das Artes / Ministério da Cultura

O mundo de *Jerusalém* é um mundo habitado por seres incompletos, mutilados, em queda. Prisioneiros da memória, transportam com eles sinais inconfundíveis do que são, de onde vêm, movendo-se e agindo no presente por reacção a um passado de escuridão que se recusa a adormecer.

Das suas vidas, é-nos dada a conhecer uma noite (e o que a prepara), porven-

tura a única noite: a noite do sacrifício, a noite da revelação. A noite em que, cedendo ao peso da sombra, entram em colisão, cumprindo finalmente o seu destino.

Em *Jerusalém*, este universo expressionista é-nos mostrado por uma linguagem rigorosa, quase científica, em que redução e objectividade são factores essenciais; uma linguagem para além da moral, em que o mundo dos sentidos se revela abruptamente pelas palavras da razão.

Densandar a música da noite e dos seres de *Jerusalém* é traduzir este equilíbrio para uma outra linguagem. Consciente dos limites da inteligibilidade na tradução artística, sinto particularmente próximas as questões levantadas por *Jerusalém*; o seu universo narrativo aligeira entre um passado longínquo e um presente cada vez mais urgente e ainda por definir; a sua linguagem objectiva e precisa que descreve objectos de grande expressividade; por fim, a sua deliberada recusa em propor uma



moralidade, preferindo uma observação silenciosa e atenta.

Vasco Mendonça

Tudo inclinado em direcção a um ponto. Os acontecimentos de há vários anos, o que antes não terminou, o que exigia vingança ou satisfação do desejo, tudo caiu para ali, como se aquela noite fosse um espaço, um recipiente.

Talvez algumas personagens de *Jerusalém* não acreditem que alguém possa ressuscitar ao fim do terceiro dia, mas certamente acreditam que o mesmo homem pode voltar a cometer outro assassinato três dias depois. E não se trata aqui apenas de falta de fé, mas de uma fé errada, má.

Sei que há esta sujidade que não larga a existência, mas apesar de tudo parece-me que *Jerusalém* é para homens e mulheres crentes. Não me orgulho disso, pelo contrário, mas *Jerusalém* talvez ainda não seja para mim.

Gonçalo M. Tavares

The world of *Jerusalém* is inhabited by incomplete, mutilated, falling beings, bearing the unmistakable marks of what they are and where they come from, reacting to a dark past that will not rest. They demand revenge, or the satisfaction of a desire. It all boils down to one night: their night of sacrifice and revelation, where they finally achieve their destiny.

This expressionist universe is minimalist and objective, where the world of the senses is revealed by the words of reason, but without the imposition of morality. Some of *Jerusalém's* characters may not believe that someone can be resurrected after three days, but they certainly believe that the same man can commit another murder three days later.

TEATRO JULHO SÁB 11 E DOM 12

of/niet ou/não

A partir de Alan Ayckbourn e Harold Pinter

Um espectáculo tg STAN

Integrado no Festival de Almada

GRANDE AUDITÓRIO

21h30 (dia 11) · 17h00 (dia 12)

Duração: 2h15 · M12

€15 · Jovens até aos 30 anos: €5

Espectáculo em neerlandês,
com legendas em português

Aos pais que queiram ver o espectáculo de Domingo: vai decorrer ao mesmo tempo uma oficina para crianças dos 4 aos 10 anos. Para mais informações contactar o Serviço Educativo.

Texto a partir de *Party Time* de Harold Pinter e *Relatively Speaking* de Alan Ayckbourn

Um espectáculo de Jolente De Keersmaeker, Sara De Roo, Damiaan De Schrijver, Frank Vercruyssen e Thomas Walgrave

Com Jolente De Keersmaeker, Sara De Roo, Damiaan De Schrijver e Frank Vercruyssen
Apoio aos figurinos An D’Huys
Cenário e desenho de luz Thomas Walgrave

Tradução de Pinter Janine Brogt Tradução de Ayckbourn Laurens Spoor Produção tg STAN
Estreia 19 de Abril de 2006, Monty (Antuérpia)

Presença regular em Portugal (e recentemente na programação da Culturgest,

com *Berenice* e *ANATHEMA*), os STAN regressam para comemorar o seu vigésimo aniversário - mas desta vez só os quatro actores, sem gente de fora da companhia. A última vez que isso aconteceu foi em 1997, com *Private Lives*.

Uma peça que fizesse rir as pessoas quando as suas férias à beira-mar ficassem estragadas por causa da chuva e viessem ao teatro para ficarem secas antes de se arrastarem de volta para as suas senhorias. Pareceu-me uma razão tão válida quanto qualquer outra para escrever uma peça. / Cuidado com o escritor que apresenta as suas preocupações para que as adoptem, que não vos deixa dúvidas quanto ao seu merecimento, a sua utilidade, o seu altruísmo, que declara que tem o coração no sítio certo e se assegura de que estará à vista de todos. Ayckbourn/Pinter

Um espectáculo incrível: o público pode ter a certeza de que vai passar uma óptima noite. Nesta comédia tradicional sobre infidelidade e adultério acumulam-se os equívocos, acompanhados por uma gigantesca piscadela de olho, mas



sem esmagar os laivos trágicos. Trata-se de alta comédia, tecnicamente hábil e interpretada com um prazer sem paralelo.

A moldura da peça de Pinter dá-lhe um toque de maldade. Depois de rir a bom rir deparamo-nos com uma pergunta terrivelmente difícil: é este o tipo de teatro que queremos para nós? Preferíamos rir com um simples Ayckbourn? Ou queremos um tipo de teatro que faz perguntas directas sobre o espírito dos tempos? É possível combinar as duas coisas? Ou não?

Relatório do júri do festival holandês TF-1 de 2006

The actors of STAN create a performance, just the four of them, without any strangers to the company. The last time this happened was in 1997, with *Private Lives*.

“A terrific performance: the public can be assured they’ll have a wonderful night out. In this traditional comedy about infidelity and adultery the misunderstandings pile up, accompanied by a huge wink, but without overwhelming the tragic undertones. This is high-grade comedy, technically proficient and performed with unparalleled pleasure.

The framework of Pinter’s play gives it a vicious edge. After the belly laughs we’re faced with a dreadfully tough question: is this the type of theatre we wish on ourselves? Would we rather laugh at a simple Ayckbourn? Or do we want a kind of theatre that asks forthright questions about the spirit of the times? Is a combination possible? Or not?”

Jury report of the 2006 Dutch theatre festival TF-1

Contracções

De Mike Bartlett

Encenação de Solveig Nordlund
Integrado no Festival de Almada

PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30

Duração: 1h00 · M12

€12 · Jovens até aos 30 anos: €5

Título original *Contractions* (2008)

Tradução Joana Frazão

Encenação Solveig Nordlund

Com Joana Bárcia e Cecília Henriques

Cenografia Ana Paula Rocha **Luz** Acácio de Almeida **Produção** Ambar Filmes

Co-produção Culturgest e Festival de Almada

Contracções, do jovem dramaturgo britânico Mike Bartlett, não podia ser mais actual nesta época de despedimentos e crise: até que ponto estamos dispostos a sacrificar a nossa vida para salvaguardar o nosso emprego?

Emma, uma jovem vendedora, assina um contrato com uma multinacional. No contrato é determinado o grau permitido de relacionamento de

colegas dentro da empresa. Na peça de Mike Bartlett o assunto é levado até às últimas consequências, ao absurdo absoluto, mas a cada dia que passa parece-me mais realista.
Solveig Nordlund

Bartlett [...] demonstra aqui um extraordinário talento para a sátira. Extraordinário porque esta peça para duas actrizes é muitas vezes ferozmente divertida ao mesmo tempo que é absolutamente estupefacente – conseguindo o feito raro de ser tão rebuscada quanto deprimentemente plausível.
Dominic Cavendish, *The Daily Telegraph*, 20 de Junho de 2008

Solveig Nordlund começou a trabalhar no cinema como montadora, participando depois em vários filmes colectivos do Grupo Zero e estreando-se



na ficção em 1978 com *Nem Pássaro Nem Peixe*. Realizou filmes sobre peças de teatro de Kroetz e Karl Valentin, em colaboração com o Teatro da Cornucópia. Fez as longas-metragens *Dina e Django, Até Amanhã, Mário, Comédia Infantil, Aparelho Voador a Baixa Altitude e A Filha*. É também realizadora de curtas-metragens e de documentários sobre escritores (Duras, Ballard, Lobo Antunes). Fundou a sociedade Ambar Filmes. Estreou-se na direcção teatral em 1998 com *A Noite é Mãe do Dia* de Lars Norén, tendo depois encenado *Vai Vir Alguém* e *Sonho de Outono* de Jon Fosse, *Traições* e *Há Tanto Tempo* de Harold Pinter, *Uma Peça de Teatro* de Erland Josephson e *Os Antílopes* de Henning Mankell.

Contractions, by young British playwright Mike Bartlett, is highly topical at this time of redundancies and crisis: to what point are we prepared to give up our lives to keep our jobs? Emma, a young saleswoman, has a contract with a multinational which specifies the kinds of relationships she can have with workmates. This is taken to its absurd extreme in the play, but with every passing day it seems more realistic.

The Daily Telegraph: 'Bartlett [...] displays here an extraordinary gift for satire. Extraordinary because this two-hander is often ferociously funny while being absolutely appalling – pulling off the rare trick of being at once far-fetched and grimly plausible.'

Palimpsestos urbanos: corpo, cidade e novas formas de vida

Peter Pál Pelbart, José Gil e Kuniichi Uno

SALA 2 · 18h30

Entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 30 min. antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Iniciativa c.e.m. – centro em movimento

Integrado na 4ª edição do Festival Urbano Pedras d'Água produzido pelo c.e.m – centro em movimento propõe-se um encontro com 3 filósofos de notória relevância para o pensamento contemporâneo: Peter Pál Pelbart, José Gil e Kuniichi Uno.

Este ano, pessoas e lugares de Lisboa possibilitam a investigação das ligações entre visível e invisível, continuidade e comunicação, escuta e acção sempre a partir da experiência do corpo em relação.

Reforçando o papel da arte como forma de conhecimento e sustentando o trabalho com a população enquanto espaço de relação entre investigadores/criadores e a urbe, esta abordagem reflecte-se noutras esferas não estritamente artísticas como a social, a política ou a educacional, obrigando a uma reflexão integrada sobre a actualidade.

O encontro entre os filósofos Peter Pál Pelbart (professor titular de filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), José Gil (professor na Universidade Nova de Lisboa, que em Dezembro de 2004 foi considerado, no número especial do *Le Nouvel Observateur*, como um dos 25 grandes pensadores de todo o mundo) e Kuniichi Uno (professor na Universidade de Rykkio, autor de livros sobre literatura, filosofia, pintura, dança, teatro

©?lex



e cinema), mediado pela professora Christine Greiner (professora do Departamento de Linguagens do Corpo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), apresenta percepções sobre a relação do corpo com as cidades e as suas formas de vida.

Inspirados por leituras diversas (Gilles Deleuze, Félix Guatari, Giorgio Agamben, Antonin Artaud, Tatsumi Hijikata e Henri Bergson) os convidados trilham novos percursos através de temas como a precariedade da vida, o altruísmo, as novas comunidades, os novos gestos, as novas formas de vida.

Ver apresentação do Festival Urbano Pedras d'Água em www.c-e-m.org.

This year's fourth Pedras d'Água Urban Festival will be looking at links between the visible and invisible, continuity and communication.

It will bring together three philosophers: Peter Pál Pelbart (professor at São Paulo University), José Gil (professor at New Lisbon University and named by *Le Nouvel Observateur* as one of the world's 25 great thinkers) and Kuniichi Uno (professor at Rykkio University and author), moderated by Christine Greiner (professor at São Paulo Catholic University). They will look at links between the body, cities and how we live in them. The speakers will look at themes such as the precariousness of life, altruism and new communities. The festival website is at www.c-e-m.org.

Sociologia da Música - Tendências, Interpelações, Perspectivas

Coordenação científica: Mário Vieira de Carvalho (Universidade Nova de Lisboa) e Christian Kaden (Universidade Humboldt de Berlim)

PEQUENO AUDITÓRIO E SALA 2

Das 9h00 às 18h30

Entrada gratuita · Levantamento de senha de acesso 30 min. antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Quem deseje obter um certificado de participação e outras informações actualizadas sobre a organização do congresso deverá consultar o sítio oficial do congresso www.sociologyofmusic2009.com
Conferências em inglês.

Nas últimas décadas as abordagens sociológicas da música têm vindo a desenvolver, expandir e diversificar extensivamente os seus métodos e áreas temáticas. Os campos de investigação

da sociologia e da musicologia têm-se cruzado cada vez mais. O espectro interdisciplinar continua a alargar-se. Tanto as questões teórico-críticas como os estudos empíricos se abriram a novos horizontes. A Sociologia da Música desenvolveu-se num sentido integrativo, tomando em conta os contributos da História, Antropologia, Filosofia e Estética, Psicologia e Psicanálise, Economia, Teorias da Recepção, Comunicação e Sistemas, Estudos de Género, Culturais, Comparativos e da Globalização. Intensificou-se também a sua influência noutras áreas da Musicologia – por exemplo, nos Estudos de Composição e Interpretação ou na Análise Musical. A maior parte das abordagens incide actualmente sobre as práticas musicais como interacção social, o material musi-



cal e as obras musicais como sociedade codificada, o significado musical como resultado de processos sociais que ocorrem em mundos vívidos em constante mudança, as trocas sistema-meio na produção e na recepção musicais, etc. Mais recentemente emergiu a extensão a novas questões, como por exemplo, as colocadas em contextos de morte, guerra, conflitos étnicos e políticos. A Sociologia da Música tem ainda contribuído para uma musicologia auto-crítica, que se tornou consciente da construção social do conhecimento e, conseqüentemente, visa produzir um conhecimento socialmente mais válido.

Esta conferência internacional reúne em Lisboa mais de quarenta especialistas de todos os continentes, representativos dessas diferentes abordagens e temáticas. A problemática da modernidade musical europeia, as músicas populares no espaço ibero-americano, a globalização e as transferências culturais (considerando, designadamente, a China), as novas tecnologias e as estratégias de mediação, a relação com a música na doença e na morte, os usos da música na manipulação política, enfim a reflexão teórico-crítica que interroga

o objecto e as metodologias – eis todo um diferenciado leque de interpelações (entre outras) que alimentará os debates das quinze sessões públicas distribuídas por três dias.

A organização é do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Universidade Nova de Lisboa (CESEM). Integram a Comissão Organizadora os professores Mário Vieira de Carvalho, Paula Gomes Ribeiro e Ângelo Martingo.

The sociology of music is an expanding field; there is an increasing crossover between sociology and musicology. It encompasses such areas as history, anthropology, philosophy, aesthetics, psychology, economics, communication, gender, culture and globalization, and it is having a growing influence on other fields of musicology, such as the study of composition and musical analysis. This international conference brings together over 40 specialists from throughout the world to look at European musical modernity, Ibero-American popular music, globalization and cultural transfer, new technologies, the link between music and illness and death, music and political manipulation, and much more.

23 DE JULHO

9h00 – 10h45

Pequeno Auditório (Sessão Plenária)
Moderador: Christian Kaden

Philip V. Bohlman (Chicago)
Sound, Silence and Society – The aesthetics of agency in a globalized sociology of music

Tia DeNora (Exeter, UK)
When music takes the lead

Richard Leppert (Minneapolis – Minnesota)
Music, Aesthetics, and the Dialectics of Social Commitment

10h45 – 11h15
Pausa para café

11h15 – 13h00
Pequeno Auditório
Moderador: Juan-Pablo González

Iñigo Sánchez (Barcelona)
Between Observation and Participation. Towards a Sensuous Ethnomusicology

José Juan Olvera (Monterrey, Mexico)
The day when Kumbia Kings came to the town. Negotiations and struggles in musical cultures configuration.

Denise Milstein (Nova Iorque)
Repression, shifting and the life cycles of popular musical movements in Latin America

Sala 2
Moderador: Andreas Stascheit

Karsten Mackensen (Berlim)
Universal sociological theory and empirical theory building in a historical music sociology: agency, rationalization, and the reality of a musical cosmos in the early modern period

Jin-Ah Kim (Berlim/Seoul)
Cultural transfer and transculturality as a branch of research for music sociology and anthropology

Elisa Lessa (Braga)
Feminine voices, masculine rules: Patriarchy and musical praxis in eighteenth century Portuguese convents

14h30 – 16h15

Pequeno Auditório
Moderador: Denise Milstein

Daniel Koglin (Berlim)
Semantic Spaces of Music-Facts or Artefacts?

Paula Gomes Ribeiro (Lisboa)
The operatic construction of hyperreality: Paradigms of social representation in contemporary opera dramaturgy

Manuel Deniz Silva (Lisboa)
Film music as sociological object

Sala 2
Moderador: Wolfgang Fuhrmann

Katrin Bicher (Berlim)
Verein für musikalische

Privataufführungen. Objectives, Structures, Protagonists

Mark Clague (Ann Arbor – Michigan)
Towards a Sociality of Artistic Invention, or The Institution as Muse: Chicago's Auditorium Association and the Creativity of Musical Organizations in the United States

Pedro Russo Moreira (Lisboa)
Radio and Music for workers: Broadcasting Policy in Portugal's National Radio during the 40s

16h15 – 16h45
Pausa para café

16h45 – 18h30

Pequeno Auditório (Sessão Plenária)
Moderadora: Tia DeNora

Hansjakob Ziemer (Berlim)
Listening to Differences: The Stravinsky-Shoenberg-Debate in the 1920s from the perspective of a Historical Anthropology of Music

Eduardo De la Fuente (Monash, Yale)
What was twentieth century music? Implications for the sociology of modernity

António Pinho Vargas (Coimbra)
European Music after 1945 as a restricted space of enunciation

24 DE JULHO

9h00 – 10h45

Pequeno Auditório (Sessão Plenária)
Moderador: Philip V. Bohlman

Salwa Castelo-Branco (Lisboa)
The politics and discursive dynamics of disciplinary formations: revisiting ethnomusicology, the sociology of music and sister disciplines

Angel G. Quintero-Rivera (Porto Rico)
Migration and Globalization in Salsa, Struggles for Hegemony in the Cultural Sphere

Peter J. Martin (Manchester)
The record business and the internet: Dumbo meets the enemy within?

10h45 – 11h15
Pausa para café

11h15 – 13h00

Pequeno Auditório
Moderador: Bernd Hornung

Federico Del Sordo (Roma)
Social reasons for authenticity: Initial results of qualitative research (Le ragioni sociali dell'autenticità: Primi risultati di una ricerca qualitativa)

Diane Laflamme (Montréal)
Death, the ultimate unthinkable and how music is contributing where thoughts are failing

Luzia Rocha/Luís Sousa (Lisboa)
Travelings and mutations of a work of

art: uses and appropriations of Malhoa's painting *O Fado*

Sala 2

Moderadora: Salwa Castelo-Branco

Juan Manuel Pavía Calderón (Bogotá)

Sociology of popular music in Colombia

Cláudio Diaz (Córdoba – Argentina)

Knowledge, competences and legitimation in Argentinean folk music pioneers

Carlos Sandroni (Brasil)

Recent changes in Brazilian Northeastern traditional music: the case of Pernambuco

14h30 – 16h45

Pequeno Auditório

Moderador: Federico del Sordo

Mariano Muñoz-Hidalgo (Talca – Chile)

Psychosociology of popular culture: marginal versus underground in popular music

Michel Nicolau (Berlim)

The perception of the idea of diversity in the music industry

Pedro Nunes (Leiria)

A sociological approach to music journalism and criticism: the case of music journalism in Portugal

Sala 2

Moderador: Eduardo de la Fuente

Sebastian Klotz (Leipzig)

Music sociology after the auditory turn

Angelo Martingo (Braga)

Contexts of modernity: identity and meaning in recent Portuguese compositional practice

Pedro Boia (Porto, Exeter)

Modernism, Postmodernism and Meaning: Trends of (Re-) Interpretation of Early Music

16h15 – 16h45

Pausa para café

16h45 – 18h30

Pequeno Auditório (Sessão Plenária)

Moderador: Max Paddison

Mário Vieira de Carvalho (Lisboa)

Hope for Truth: An Inquiry into Adorno's conceptions of Art and Social Theory

João Pedro Cachopo (Lisboa)

How political is music? An approach through Adorno and Rancière

Andreas Stascheit (Dortmund)

Music in History of Social Thought

25 DE JULHO

9h00 – 10h45

Pequeno Auditório (Sessão Plenária)

Moderador: Richard Leppert

Antoine Hennion (Paris)

Production, médiation, effet: comment penser ce que fait la musique?

Ruth Finnegan (Milton Keynes, UK)

Music: a universal human medium?

Max Paddison (Durham, UK)

Theoretical Issues in the Socio-Cultural Mediation of Music

10h45 – 11h15

Pausa para café

11h15 – 13h00

Pequeno Auditório (Sessão Plenária)

Moderador: Peter J. Martin

Juan-Pablo González (Santiago – Chile)

Towards a social history of the present time: music, youth and the politics in Chile during the 1960s

Minghui Bi (Pequim)

Western Music and China Society in the 20th Century: Issues and Perspectives

Morag Josephine Grant (Göttingen)

Musicology, conflict studies and the human rights: lessons from the past, approaches for the future

14h30 – 16h15

Pequeno Auditório (Sessão Plenária)

Moderador: Mário Vieira de Carvalho

Bernd Hornung (Marburg)

Holism – The Core of Art and Aesthetics – An Information Theoretical Approach

Wolfgang Fuhrmann (Viena)

Toward a theory of socio-musical systems: reflections on Nicklas Luhmann's challenge to music sociology

Christian Kaden (Berlim)

Music Sociology and Historical anthropology. New perspectives and new horizons

16h15 – 16h30

Sessão de encerramento



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Exposições

EXPOSIÇÃO ATÉ 10 DE MAIO

JCJ Vanderheyden

A Analogia do Olho The Analogy of the Eye

GALERIA 1

Curadoria: Miguel Wandschneider
€2 · Bilhete único para as exposições

Visitas guiadas

Domingos, 5 Abril e 10 Maio, 16h00

Quem tenha visto a exposição de Roma Publications na Culturgest, em 2006, lembrar-se-á porventura de um conjunto de três serigrafias na última sala: três formas geométricas simples, monocromáticas (azul, vermelho e preto), sobre fundo branco. É uma obra recente do artista holandês JCJ Vanderheyden (Den Bosch, 1928), que recupera o vocabulário das suas pinturas abstractas de meados da década de 1960. Em 1967, e durante quase dez anos, o artista deixou de pintar para se dedicar à investigação dos fenómenos da luz, do tempo e do espaço, a experiências com o som e o vídeo, ou à construção de cabines

para experienciar o tempo. Desde que retomou aquela prática, em 1976, as suas pinturas reincidentem nos mesmos motivos (por exemplo, o horizonte do céu ou o xadrez) e reiteram as mesmas questões e preocupações: a intersecção entre a pintura e a fotografia, a analogia entre a câmara fotográfica e o olho humano, as relações recíprocas entre o microscópico e o macroscópico, ou entre o fragmento e a totalidade, para referir algumas. Nos últimos vinte e cinco anos, Vanderheyden realizou diversas exposições retrospectivas no seu país (Van Abbemuseum em Eindhoven, 1983; Boijmans Museum em Roterdão, 1990; e Stedelijk Museum em Amesterdão, 2001), mas permanece ainda pouco conhecido fora da Holanda (apesar da sua participação na Documenta de Kassel, em 1982). Esta é a primeira retrospectiva do seu trabalho fora da Holanda.



Visitors to the Roma Publications exhibition at Culturgest, in 2006, will perhaps recall a set of three silk-screens in the last room: three simple geometrical forms, each one monochrome (blue, red and black), on a white background. This is a recent work by the Dutch artist JCJ Vanderheyden (Den Bosch, 1928), which returns to the vocabulary of his abstract paintings from the mid-1960s. In 1967, and for a period of almost ten years, the artist stopped painting to devote himself to research into the phenomena of light, time and space, experiments with sound and video, and the building of booths for experiencing time. Since his return to that practice in 1976, his paintings have touched upon recurrent motifs (for example, the skyline and the chess

pattern) and have reiterated the same questions and concerns: the intersection between painting and photography, the analogy between the camera and the human eye, the reciprocal relationship between the microscopic and the macroscopic, or between the fragment and the whole, to mention just a few. Over the last twenty-five years, Vanderheyden has held various retrospective exhibitions in his own country (Van Abbemuseum in Eindhoven, 1983; Boijmans Museum in Rotterdam, 1990; and Stedelijk Museum in Amsterdam, 2001), but he still remains relatively unknown outside Holland (despite his participation in the Documenta at Kassel, in 1982). This is the first retrospective exhibition of his work outside Holland.

Jochen Lempert

Trabalho de Campo Field Work

GALERIA 2

Curadoria: Miguel Wandschneider
€2 · Bilhete único para as exposições

Visitas guiadas

Domingos, 5 Abril e 10 Maio, 17h30

Antes de eleger a fotografia como *medium* do seu trabalho artístico, Jochen Lempert (Moers, Alemanha, 1958) dedicou-se intensamente, entre 1979 e 1989, à realização de filmes experimentais no âmbito do colectivo Schmelzdahin. Paralelamente, entre 1980 e 1988, fez os seus estudos universitários em Biologia. De ambas as actividades ficariam traços indeléveis no seu trabalho fotográfico. Este distingue-se, desde logo, pela escolha do assunto: os animais, que o artista investiga com um olhar informado e uma curiosidade insaciável, nas suas diferentes formas e nos mais diversos contextos (do *habitat*

natural ao museu de história natural, do jardim zoológico ao meio urbano), mas também nas suas manifestações e representações na vida quotidiana e na cultura material. A este interesse pelos animais como assunto alia-se uma exploração das propriedades e da materialidade da imagem fotográfica. Jochen Lempert fotografa com uma câmara de 35mm e a preto e branco, escolhe deliberadamente papéis que não se conformam aos padrões profissionais e tira partido, de forma prodigiosa, do processo de revelação. O seu trabalho define uma posição artística solitária, discretamente construída sem qualquer concessão às tendências e aos cânones dominantes na fotografia contemporânea.

Before choosing photography as the medium for his artistic work, Jochen Lempert (Moers, Germany, 1958) dedi-

Sem título (Cisne), 2007



cated himself intensely, between 1979 and 1989, to the practice of experimental film within the Schmelzdahin collective. In parallel to this activity, between 1980 and 1988, he studied biology at university. Both activities were to leave indelible marks on his photographic work, which was immediately distinguished by his choice of subject matter: animals. The artist researched this theme with an informed gaze and an insatiable curiosity, in the most diverse contexts (ranging from the natural habitat to the museum of natural history, or from the zoo to the urban environment), as well as in its manifestations and representations in daily life and material culture. This interest in animals as a subject has been further complemented by his exploration of the properties and materiality of the

photographic image. Jochen Lempert photographs in black and white with a 35mm camera, deliberately choosing to use papers that do not conform to professional standards and taking prodigious advantage of the development process. His work defines a unique artistic position, discreetly constructed without any concession to the dominant trends and canons of contemporary photography.

EXPOSIÇÃO DE 20 DE JUNHO A 6 DE SETEMBRO

Daan van Golden

Vermelho ou Azul / Red or Blue

GALERIA 1

Curadoria: Anne Pontégnie

€2 · Bilhete único para as exposições

Conversa com Daan van Golden
e Anne Pontégnie

Sábado, 20 Junho, 16h30

Visitas guiadas

por Miguel Wandschneider

Sábados, 4 Julho e 5 Setembro, 17h00

Visitas guiadas

Domingos, 5 Julho e 6 Setembro, 17h00

Nas suas pinturas e fotografias meticulosamente executadas, Daan van Golden (Roterdão, 1936) encontra a beleza no quotidiano e trata objectos mundanos com integridade e respeito, mostrando-nos coisas familiares sob um novo olhar. O estilo pictórico de van Golden baseia-se na apropriação, utilizando motivos do quotidiano como toalhas de mesa, papel de parede e tecidos decorativos e, mais tarde, motivos extraídos da história da arte. O artista pinta estas imagens e formas com uma precisão meticulosa, obtendo uma superfície excentricamente impecável. As pinturas recobrem um vasto leque de estratégias artísticas – desde a arte pop e o foto-realismo à arte estrutural e conceptual, ao minimalismo e à abstracção.

Depois de uma estadia no Japão no início da década de 1960, durante a qual se interessou pela meditação e filosofia Zen, o artista desacelerou a sua técnica de pintura, produzindo obras de uma forma meditativa, profunda e deliberada. Na arte, tal como no mundo, van Golden procura e encontra elementos que lhe permitem exercer a sua subtil arte enquanto estudioso de formas esquecidas. Mais tarde, começou a usar a história da arte como fonte para as suas imagens, depois de descobrir estranhos e maravilhosos novos assuntos em pinturas de Pollock e Matisse.

Organizada pelo Camden Arts Centre de Londres em colaboração com o Mamco de Genebra e a Culturgest, esta é a primeira grande exposição internacional itinerante de Daan van Golden, um artista bem conhecido e venerado na Holanda desde a década de 1960.

In his meticulously executed paintings and photographs, Daan van Golden (Rotterdam, 1936) finds beauty in the everyday and treats mundane objects with integrity and respect by showing us familiar things in a new way. Van Golden's painting style is based on appropriation, using everyday motifs such as tea towels, decorative wallpaper

Composition with Blue Square, 1964 · Coleção Stedelijk Museum, Amsterdão



and fabric, and later drawn from the history of art. He paints these images and forms with meticulous precision, achieving an eccentrically flawless surface. They cross over a broad range of art strategies – from pop and photorealism to structural and conceptual art, minimalism to abstraction.

After becoming interested in meditation and Zen philosophy during time spent in Japan in the early sixties, he slowed down his painting technique, producing work in a meditative, thoughtful and deliberate way. In art as in the world,

van Golden seeks and finds elements that allow him to exercise his subtle art as a student of forgotten forms. Later he began to source imagery from the history of art after discovering strange, wonderful and new subjects within paintings by Pollock and Matisse.

Organised by Camden Arts Centre in London in association with Mamco in Genève and Culturgest, this is the first major international exhibition tour of Daan van Golden, an artist that is renowned and celebrated in the Netherlands since the 1960s.

Colecção #1

Ana Jotta

GALERIA 2

Curadoria: Miguel Wandschneider
€2 · Bilhete único para as exposições

Visita guiada por Miguel Wandschneider
Sábado, 11 Julho, 17h00

Visitas guiadas
Domingos, 5 Julho e 6 Setembro, 18h00

Colecção #1 dá início, juntamente com *Colecção #2*, a uma série de exposições na Culturgest em torno da colecção da Caixa Geral de Depósitos que pretende dar a conhecer (ou a revisitar) as obras adquiridas recentemente, ou seja, a partir de Janeiro de 2005. O mote para este programa, de periodicidade irregular, está dado: cada exposição centra-se no trabalho de um determinado artista. Nesse sentido, esta série de apresentações reflecte e harmoniza-se com um dos princípios fundamentais que presidiram às escolhas para a colecção desde aquela data: a substituição de um critério extensivo que até então havia predominado, tendo levado a contemplar um número muito elevado de artistas, por um critério intensivo que privilegia a concentração num número

substancialmente mais reduzido de autores e a constituição de conjuntos alargados de obras, cuidadosamente seleccionadas.

A escolha de Ana Jotta (Lisboa, 1946) para o arranque desta série de exposições não é fruto do acaso. Às seis obras da artista que então faziam parte da colecção veio juntar-se, em Janeiro de 2006, um numeroso conjunto de peças, produzidas entre 1984 e 2002, que dá conta de como a sua obra se metamorfoseia e reinventa permanentemente através de uma desconcertante diversidade de meios e resultados. Ana Jotta aspira a uma constante diluição da autoria, uma atitude que reforça a irreduzível singularidade da sua arte e constitui um modo às avessas de afirmação da sua idiossincrática individualidade; esvazia de sentido a noção de originalidade, a tal ponto a sua actividade é, para parafrasear a expressão certa de Gáetan Lampo, a de uma obsessiva e infatigável respigadora, que se apropria de tudo e mais alguma coisa ao sabor das circunstâncias e dos acasos da (sua) vida – desvia, descontextualiza, recria, subverte objectos, imagens

Sem título, 1997



e referências das proveniências mais desencontradas, desde a história da arte à cultura vernácula, passando por aparentes trivialidades; desprende-se das obrigações e dos hábitos vinculados a um estilo, despistando categorias, classificações, interpretações e os seus efeitos domesticadores, subvertendo o jogo da arte e o jogo da vida com um cinismo encantador e em diferentes tons de humor, ironia, paródia e irrisão.

Starting this series of exhibitions around the recent acquisitions of the Caixa Geral de Depósitos collection with Ana Jotta (Lisbon, 1946) is not a random choice. The six works from the artist that, at the time, were already part of the collection were joined, in January 2006, by a large group of pieces, produced between 1984 and 2002, which show how her work

has permanently metamorphosed and reinvented itself through a disconcerting diversity of means and results. Ana Jotta aspires to a constant dilution of authorship, an attitude that reinforces the irreducible singularity of her art and amounts to a topsy-turvy way of asserting her idiosyncratic individuality; she deviates, decontextualises, recreates and subverts objects, images and references drawn from the most diverse sources, ranging from the history of art to vernacular culture and apparent trivialities; she releases herself from the obligations and habits linked to a style, sidestepping categories, classifications, interpretations and their domesticating effects, subverting the game of art and the game of life with a charming cynicism amid different undertones of humour, irony, parody and derision.

EXPOSIÇÃO DE 20 DE JUNHO A 6 DE SETEMBRO

Colecção #2

Francisco Tropa

GALERIA 2

Curadoria: Miguel Wandschneider
€2 · Bilhete único para as exposições

Visita guiada por Miguel Wandschneider
Sábado, 11 Julho, 17h00

Visitas guiadas
Domingos, 5 Julho e 6 Setembro, 18h00

Francisco Tropa (Lisboa, 1968) começou a expor individualmente em 1991 (Galeria Monumental, Lisboa). O seu trabalho suscitou, desde cedo, o interesse e o apoio activo de diferentes agentes do contexto artístico: por exemplo, foi seleccionado para o Prémio União Latina na Fundação Gulbenkian e na Culturgest (1996 e 1998), ganhou o Prémio da 7ª Bienal das Caldas da Rainha (1997), realizou uma exposição individual na Fundação de Serralves (1998), representou Portugal (em conjunto com Lourdes Castro) na Bienal de São Paulo (1998), participou na Bienal de Melbourne, na Austrália (1999), e na Manifesta em Liubliana (2000). Contudo, contrariamente ao que estas parcelares notas curriculares podem fazer supor, o seu trabalho permaneceu, durante esses anos, em grande medida conhe-

cido apenas de um pequeno círculo de amigos, conhecidos e aficionados. Francisco Tropa ganhou, nesse período, a reputação de ter uma produção escassa, para o que terá contribuído a dimensão acentuadamente performativa de vários dos seus projectos. Não deixam, pois, de surpreender a sua intensa actividade e o elevado grau de exposição pública do seu trabalho nos últimos anos, como se pode verificar por uma listagem incompleta das exposições individuais que realizou a partir de 2003: *Porta 33*, Funchal, 2003; *L'Orage*, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 2003; *A Assembleia de Euclides*, Cordoaria Nacional, Lisboa, 2005 (no âmbito de *LisboaPhoto*); *O Trânsito dos Ciclistas*, Galeria Quadrado Azul, Porto, 2006; *A Marca do Seio*, Culturgest, Porto, 2006; Galeria Quadrado Azul, Lisboa, 2007; *A Assembleia de Euclides (Final)*, Galeria Quadrado Azul, Porto, 2008; *Tesouros Submersos do Antigo Egipto*, Chiado 8, Lisboa, 2008.

Francisco Tropa passou a estar representado na colecção da Caixa Geral de Depósitos em 2005, com a aquisição de três peças notáveis: *Une table qui*

Une table qui aiguisera votre appétit – le poids poli, 2003



aiguisera votre appétit – le poids poli, de 2003, *A Assembleia de Euclides (Corpo)*, de 2004, e *A Assembleia de Euclides (Cabeça)*, do mesmo ano. Este núcleo viu-se aumentado no final de 2006, na sequência de *A Marca do Seio*, quando o artista ofereceu à Culturgest uma cópia dos filmes *Caracol* e *Gigante*, originalmente apresentados no quadro desse projecto. Esta exposição é um convite a descobrir (ou a rever) o trabalho de um dos artistas mais fascinantes da actualidade.

Francisco Tropa (Lisbon, 1968) began to exhibit his work individually in 1991. From the outset, his work aroused the interest and active support of different agents from the artistic context, having been selected for a number of national prizes and international group exhibitions during the second half of the 1990s. However, his work largely remained known only to a small circle of friends, acquaintances and devotees. During this period, Francisco Tropa earned

the reputation of having only a limited production, a belief that was certainly encouraged by the highly performative nature of several of his projects. It is therefore quite surprising to note his recent intense activity and the high level of public exposure enjoyed by his work over the last few years.

Francisco Tropa first began to be represented in the collection of Caixa Geral de Depósitos in 2005, when three remarkable pieces were acquired: *Une table qui aiguisera votre appétit – le poids poli*, from 2003, *The Assembly of Euclides (Body)* and *The Assembly of Euclides (Head)*, both from 2004. This small group of works was increased at the end of 2006, after *The Mark of the Breast* exhibition at Culturgest, Porto, when the artist offered a copy of the films *Snail* and *Giant*, originally presented as part of that same project. This exhibition invites you to discover (or revisit) the work of one of the most fascinating artists of the present day.

Alexander Gutke

Entrada gratuita
Curadoria: Chris Sharp

Visitas guiadas a grupos escolares
e/ou organizados (a partir de 10 pessoas)
Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Esta é a primeira apresentação extensiva do trabalho do artista sueco Alexander Gutke (n. 1971), que vive e trabalha em Malmö, fora do seu país de origem. A exposição inclui uma selecção representativa das suas obras em filme e diapositivo, além de várias esculturas, cobrindo um período que vai de 2000 até hoje. Lidando com modos de reprodução e projecção, com a auto-reflexividade, o ilusionismo, a narrativa e o

cinema, a obra de Alexander Gutke pode caracterizar-se como um romantismo analítico ou até um materialismo místico. O artista investiga analiticamente a composição de dispositivos de reprodução ou projecção como câmaras e projectores de diapositivos, valorizando os seus interiores ou mecanismos invisíveis como espaços férteis para a imaginação. O interesse do artista nas condições materiais de reprodução e projecção vai para além de uma simples materialidade; o seu olhar perscrutador evoca algo maior e inexplicável. Gutke incorpora o legado da arte conceptual, sem cair na paródia nem na mera citação. A sua sensibilidade meticulosa e poética é a de um contador de histórias, cuja metodologia se aventura no sublime.



This is the first survey exhibition of the Malmö-based Swedish artist Alexander Gutke (b. 1971) to be held outside his home country. It presents a broad selection of the artist's film-based and slide-based works, in addition to a number of sculptures, covering a period from 2000 until the present day. Preoccupied with modes of projected reproduction, self-reflexivity, illusionism, narrative and cinema, the work of Alexander Gutke could be characterized as a form of analytical romanticism or even of mystical materialism. He analytically investigates the composition of reproductive or projective devices such as cameras and slide projectors, enhancing the importance of their unseen interiors or mechanisms as fertile spaces for the imagination. Meanwhile, his interest in the material

conditions of reproduction and projection goes far beyond mere materiality; the scrutiny of his artistic gaze evokes something greater and more inexplicable. Gutke builds upon the legacy of conceptual art, while neither parodying it nor merely citing it, to draw attention to more lasting concerns. His meticulous and poetic sensitivity is that of an unusual storyteller, whose methodology ventures into the sublime.

Dexter Sinister

Extended Caption (DDDG)

Entrada gratuita

Conversa com Stuart Bailey (Dexter Sinister) e Mário Moura

Auditório da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto
Quinta-feira, 23 Abril, 18h00

Visitas guiadas a grupos escolares e/ou organizados (a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:

Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Tendo sido criada em 2000, a revista *Dot Dot Dot* (DDD) não tardou a consolidar-se como referência fundamental, e mesmo projecto de culto, nos campos da arte e do *design*. A revista distingue-se pela sua abordagem eclética e inusitada, fora dos protocolos académicos ou bem-pensantes, aos mais diversos assuntos, não apenas nos domínios estílicos da arte e do *design*, mas também da

música, da linguagem, da literatura, ou da arquitectura.

O projecto expositivo *Extended Caption* (DDDG) propõe uma densa e rizomática rede de relações, tanto formais quanto semânticas, entre cerca de 50 itens cuja ligação objectiva reside no facto de todos eles terem aparecido nas páginas da revista. Esta colecção compõe-se de objectos muito diversos, geralmente provenientes do século XX, encarados como material de origem, isto é, artefactos originais, e não como reproduções ou representações. Ao contrário do papel de meras ilustrações que lhes é outorgado na publicação, onde surgem frequentemente reproduzidos de forma ambivalente e com um estatuto subalterno relativamente aos textos que os contextualizam, esses objectos surgem aqui despidos de qualquer enquadramento: falam por si mesmos. Nas palavras de Stuart Bailey, “para ser mais

Pormenor de *Map* (DDDF), 2008



available from caretaker).
I. U. means knowing what time it is, is more important than knowing where you are.
I. U. uses less fuel per hour than any other university.

I. U.



preciso, é uma situação semelhante a obrigar um grupo de miúdos que não se conhecem a brincar juntos no recreio.”

Esta é a sexta versão do projecto expositivo *DDD*, e segue-se às apresentações na Bienal de Lyon em 2007 e no Kunstverein de Munique no ano passado. Trata-se de um projecto em constante mutação, inclusive nos seus conteúdos, adaptando-se de modo específico às circunstâncias e aos espaços expositivos.

Having been created in 2000, the magazine *Dot Dot Dot* (DDD) did not take long to become established as a fundamental reference, and indeed a cult project, in the fields of art and design. The magazine was noted for the eclectic and unusual approach that it adopted, operating outside the agreed protocols of the polite academic mainstream, to the most diverse subjects, not only in the strict domains of art and design, but

also in the worlds of music, language, literature or architecture.

The project for the exhibition *DDD* proposes a dense and rhizomatic network of relationships, both formal and semantic, between roughly 50 items whose objective connection lies in the fact that all of them have appeared in the pages of the magazine. This collection is composed of very diverse objects, generally drawn from throughout the 20th century and regarded as source material, that is, original artefacts rather than reproductions or representations. Contrary to their published role as mere illustrations, often ambivalently reproduced and distinctly secondary to their contextualising texts, here they are stripped of any frame and left to speak for themselves. In Stuart Bailey's own words, “it is most accurate to consider this closest to forcing a bunch of unintroducted kids together in a playground.”

EXPOSIÇÃO CULTURGEST PORTO DE 18 JULHO A 19 SETEMBRO

Batia Suter

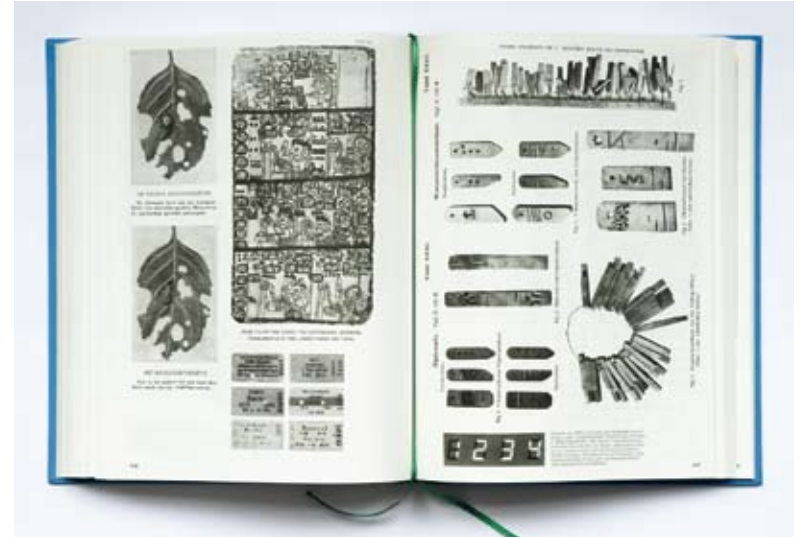
Entrada gratuita
Curadoria: Miguel Wandschneider

Visitas guiadas a grupos escolares e/ou organizados (a partir de 10 pessoas)
Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Quando participou na exposição em torno do projecto Roma Publications, na Culturgest, em 2006, a artista suíça Batia Suter (nascida em 1965) apresentou duas obras que cativaram muitos dos visitantes, ambas com o título de um vasto projecto que tem vindo a desenvolver desde há vários anos, *Parallel Encyclopedia*: a primeira consistia numa projecção em vídeo de uma sequência de cerca de 900 imagens fotográficas recolhidas de jornais, construída, com subtilidade, através de jogos de associação formal que expandiam os possíveis significados das imagens e propiciavam determinados estados psicológicos, levando-nos inadvertidamente a descobrir o estranho no familiar; a segunda obra era uma belíssima composição feita com livros abertos sequenciados numa longa prateleira, que punha em relação

imagens fotográficas muito diversas, por vezes com escalas contrastantes, associadas aos mais diferentes universos de referência – tal como o volumoso livro que fez em seguida com o mesmo título, uma montagem de tipo warburgiano, feita, no entanto, sem conhecimento do projecto *Atlas Mnemosyne* do celebrado historiador de arte Aby Warburg. Se há denominador comum ao trabalho de Batia Suter é justamente a utilização recorrente da imagem fotográfica. Antes do referido corpo de trabalhos, e desde o final da década de 1990, a artista serviu-se de imagens fotográficas muito ampliadas para realizar instalações *site specific*: com elas cobria paredes inteiras (ou janelas) dos espaços expositivos, explorando, nomeadamente, efeitos de *trompe l'oeil* e relações entre o interior e o exterior desses espaços. Estas duas genealogias do seu trabalho estão no horizonte do projecto que Batia Suter está a conceber para o espaço da Culturgest no Porto.

When she took part in the exhibition centred around the Roma Publications project, at Culturgest, in 2006, the Swiss artist Batia Suter (born in 1965)



presented two works that captivated many visitors, both of them bearing the title of a vast project that she has been working on for several years, *Parallel Encyclopedia*: the first consisted of a video projection of roughly 900 photographic images collected from newspapers, subtly constructed through games of formal association that expanded the possible meanings of the images, inducing certain psychological states and inadvertently leading us to discover the strange amidst the familiar; the second was an extremely beautiful composition made with open books arranged in sequence in a long shelf, establishing a relationship between very diverse photographic images, sometimes with contrasting scales, drawn from the most diverse fields of reference – just like the voluminous book that she made

after this exhibition with the same title, a Warburgian montage, made, however, without any knowledge of the *Atlas Mnemosyne* project developed by the famous art historian Aby Warburg. If there is a common denominator in the work of Batia Suter, it is precisely her recurrent use of the photographic image. Previously the already mentioned body of works, and since the late 1990s, the artist made use of greatly enlarged photographic images to produce site-specific installations: she used these images to cover entire walls (or windows) of the exhibition spaces, exploring, in particular, *trompe l'oeil* effects and the relationship between the inside and the outside of those spaces. These two genealogies of her work feed the project that Batia Suter is currently conceiving for the space of Culturgest in Porto.

CHIADO 8 DE 22 DE MAIO (inauguração às 22h) A 10 DE JULHO

Jorge Molder

Entrada gratuita
Curadoria: Bruno Marchand

O novo ciclo de exposições no Chiado 8 Arte Contemporânea inaugura com um conjunto inédito de trabalhos de Jorge Molder (Lisboa, 1947), artista que tem vindo a desenvolver, nas últimas três décadas, uma profunda e sistemática exploração da imagem fotográfica enquanto modelo e veículo para a auto-representação. Tendo no próprio corpo a sua matéria primordial, as fotografias que tem vindo a realizar, particularmente desde meados da década de 1980, confluem no estabelecimento de um universo ficcional onde impera a figura do duplo, e no qual o artista encarna personagens que resistem a dissolver-se numa eventual narrativa.

O sentido das suas fotografias, concebidas para serem apresentadas em séries, está subordinado às relações internas que estabelecem entre si, e cujos nexos dependem tanto das noções de repetição e semelhança quanto das

noções de distância e intervalo. Jogando com uma enorme economia de meios (são na sua maioria imagens a preto e branco, onde o que é representado é imediatamente identificável), as obras de Jorge Molder instituem um universo artístico absolutamente singular, que, todavia, não deixa de se inscrever num contexto repleto de referências provenientes das artes visuais, do cinema e da literatura, e ao qual não são estranhas as temáticas da deriva, da queda, da morte ou do desejo.

The new cycle of exhibitions at Chiado 8 Arte Contemporânea starts with a new set of works by Jorge Molder (Lisbon, 1947), an artist who, over the past three decades, has been undertaking a profound and systematic exploration of the photographic image as a model and vehicle for self-representation. Taking his own body as his work material, the photographs that he has been producing, particularly since the mid-1980s, set out to establish a fictional universe ruled

Da série *Pinocchio*, 2006-09



by the figure of the double, in which the artist embodies characters who resist becoming dissolved into a possible narrative.

The meaning of his photographs, conceived as a series, is subordinated to the inner relationships that they establish between one another, and whose connections depend as much on the notions of repetition and similarity as they do on the notions of distance and interval. Playing with an enormous economy of means (they are mostly black and white images, in which what is represented is

immediately identifiable), Jorge Molder's works establish an absolutely singular artistic universe, which nonetheless still remains inscribed in a context full of references from the visual arts, cinema and literature, and include the themes of drifting, falling, death or desire.

Fidelidade Mundial **chiado8**

ARTE
CONTEMPORÂNEA

CHIADO 8 DE 24 DE JULHO (inauguração às 22h) A 25 DE SETEMBRO

Sónia Almeida

Entrada gratuita
Curadoria: Bruno Marchand

A pintura de Sónia Almeida (Lisboa, 1978) situa-se no limiar entre a figuração e a abstracção. Pode dizer-se, inclusive, que a sua obra incorpora e procura transformar as premissas que marcaram a história da pintura abstracta, sem nunca se deixar imergir completamente nesta categoria. Compostas por velaturas de densidade variável – áreas de cor que se sobrepõem a fundos com os quais estabelecem jogos de contraste – estas pinturas nascem de uma peculiar relação da artista com o potencial pictórico das imagens e dos objectos que fazem parte do seu quotidiano. Estes elementos, inicialmente registados em cadernos de esboço, são depois estilizados, reenquadrados e conjugados, criando composições que frustram qualquer tentativa de os organizar em sistemas de signos inteligíveis. Transpostos para a tela em gestos fluidos e matizados numa paleta de cores singular, todos os referentes se dissolvem na pintura, revelando-a como um campo de teste para a tensão entre a experiência sensível e a ambiguidade perceptiva.

Sónia Almeida licenciou-se em Pintura na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (2001) e completou o MFA da Slade

School of Art, em Londres (2006). De entre as suas exposições destacam-se a individual *Is this my painting?* (Galeria T293, Nápoles, 2005), e as colectivas *Through a Glass Darkly* (Kenny Schachter / ROVE, Londres, 2008), *Prémio Fidelidade Mundial Jovens Pintores* (Culturgest, Lisboa, 2007), *The Elementary Particles (Paperback Edition)* (Standard, Oslo, 2006), *Printing Matters* (Witte de With, Roterdão, 2005), *Argument 10!* (Argument Vertoningsruimte, Tilburg, 2003). Foi bolseira do Arts and Humanities Research Council, Reino Unido (2005) e do Noord Brabant Fonds voor Beeldende Kunstenaars, Holanda (2003), e galardoada com o Slade Prize in Fine Art (2005).

The painting of Sónia Almeida (Lisbon, 1978) is situated on the threshold between figuration and abstraction. It can also be said that her work incorporates and seeks to transform the premises that have marked the history of abstract painting, without ever allowing itself to become completely immersed in this category. Composed of veils of variable density – areas of colour that are superimposed on backgrounds with which they establish games of contrast – these paintings are born from a peculiar relationship that the artist has developed

Black & White Mood, 2008



with the pictorial potential of the images and objects that form part of her everyday life. Initially recorded in sketchbooks, they are subsequently stylised, reframed and joined together, creating compositions that thwart any attempt to organise them into systems of intelligible signs. Transposed to canvas in fluid gestures and produced in a unique palette of colours, all the referents dissolve into the painting, showing it as a test field for the tension between sensitive experience and the ambiguity of perception.

Sónia Almeida graduated in Painting at the Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (2001) and completed an MFA at the Slade School of Art, in London (2006). She presented a solo exhibition, *Is this my painting?* (Gallery T293, Napoli, 2005), and participated in several

group exhibitions, including *Through a Glass Darkly* (Kenny Schachter / ROVE, London, 2008), *Prémio Fidelidade Mundial Jovens Pintores* (Culturgest, Lisbon, 2007), *The Elementary Particles (Paperback Edition)* (Standard, Oslo, 2006), *Printing Matters* (Witte de With, Roterdão, 2005), *Argument 10!* (Argument Vertoningsruimte, Tilburg, 2003). She has also received scholarships from Noord Brabant Fonds voor Beeldende Kunstenaars, Netherlands (2003) and the Arts and Humanities Research Council, United Kingdom (2005), and was awarded the Slade Prize in Fine Arts (2005).

De Malangatana a Pedro Cabrita Reis Colecção Caixa Geral de Depósitos

Curadoria: Jürgen Bock

Centro Cultural e Congressos,
Caldas da Rainha

De 18 de Abril a 14 de Junho

Mosteiro São Martinho de Tibães

De 4 de Julho a 22 de Agosto

Centro de Artes, Sines

De 12 de Setembro a 31 de Outubro

A colecção Caixa Geral de Depósitos, criada no princípio dos anos 80, é uma colecção de arte ainda jovem. Revela, no entanto, em tom generoso, a natureza de colecções em permanente estado de reinvenção. As colecções são um organismo vivo, não só pelo ritmo das suas aquisições, confirmando uma ideia de arte e recusando outra, como também pelas suas sucessivas apresentações públicas. A Colecção Caixa Geral de Depósitos tem na sua história várias exposições realizadas com o contributo de personalidades e respectivas perspectivas sobre arte contemporânea.

Estas exposições têm procurado exprimir os interesses dos curadores convidados na articulação de obras e conceitos ao *status quo* desta colecção.

A Culturgest convidou o curador Jürgen Bock para este projecto itinerante, tendo em consideração a sua experiência, interesses e conceitos expositivos. Jürgen Bock entende esta tarefa, incorporando no seu trabalho o modo de apresentação das obras e da sua colocação nas arquitecturas que as acolhem.

As três instituições escolhidas para esta parceria, distribuídas pelo país, podem assumir-se como novos e importantes centros para a apresentação de arte contemporânea. Através de rigorosas escolhas expositivas e de um enquadramento crítico das obras seleccionadas, procura-se criar uma justaposição dinâmica das mesmas e assim produzir uma apresentação capaz de oferecer e sugerir ao público novos envolvimento com autores e obras



já célebres, mas também com autores ainda por descobrir.

Created in the early 1980s, the Colecção Caixa Geral de Depósitos is constantly being reinvented. It has already featured in various exhibitions organised by different curators.

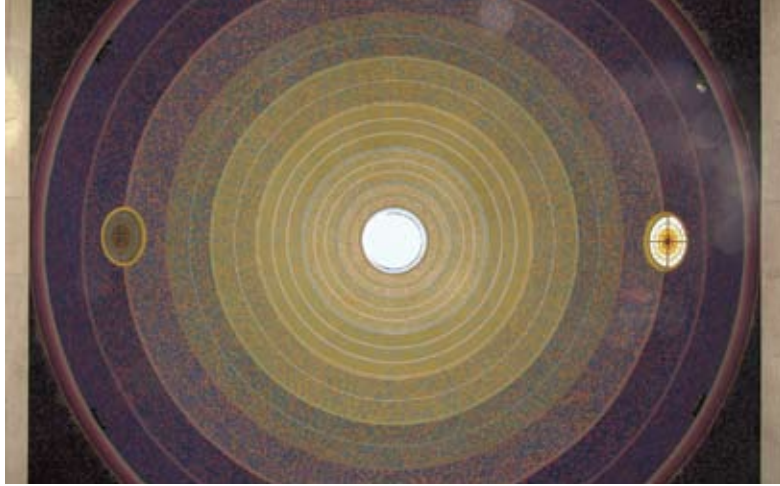
Culturgest invited curator Jürgen Bock to coordinate this itinerant exhibition for his experience, interests and conceptual views, which in this instance also translate into the choice to present the works within the context of their surrounding architecture.

The three institutions joining in this

partnership can be looked at as new and important centres for the presentation of contemporary art. The rigorous and critical selection of the works provides a dynamic juxtaposition that not only offers new audiences to already famous artists, but also proposes others as yet undiscovered.



Serviço Educativo



(és)Passos da Caixa

Visita Performática

Vários Espaços · Para todas as idades, a partir dos 5 anos

Sextas-feiras, 26 de Junho,
3 e 10 de Julho e 11 de Setembro, 18h15
Sábado, 6 de Junho, 18h15

Para grupos, marcação prévia.

Mínimo 10 pessoas · €2
De 25 a 31 de Julho
e de 1 a 13 de Setembro

Agora que os dias mais compridos vêm aí, propomos uma visita ao ar livre, pelo edifício que nos acolhe.

O serviço educativo teve vontade de alargar a sua actuação a alguns dos espaços arquitectónicos do edifício sede da CGD e das obras de arte nele

presentes. Para isso, convidou alguns intérpretes que conceberam uma forma muito diferente e animada de visita, capaz de revelar o carácter poético, mágico e por vezes secreto deste espaço.

Destinada ao público em geral e especialmente a crianças e pais, trabalhadores no edifício ou nas suas proximidades, este (es)paço de encontro propõe-nos um percurso sensorial onde um actor e uma bailarina serão os anfitriões desta grande casa e desvendarão alguns desses tesouros escondidos, permeáveis a um olhar menos atento...

Concepção Yola Pinto

Ponto de encontro: bilheteira do átrio de entrada da Culturgest



JCJ Vanderheyden A Analogia do Olho

Exposição · Até 10 de Maio · Galeria 1

Actividades para adultos

Visitas guiadas

Domingos, 5 Abril e 10 Maio, 16h00

Actividades para crianças

Visitas jogo à exposição

Ensino pré-escolar e 1º ciclo
Marcação prévia · €1 · Dur. aprox. 1h00

Viagem com sentidos

Pré-escolar

Vamos tocar com os olhos, falar com as mãos, olhar com os ouvidos e descobrir o mundo! Uma visita jogo que combina yoga e movimento e nos mostra como a

percepção do mundo se altera conforme o que nos rodeia.

Concepção Carmo Rolo, Joana Ratão e Nuno Palha

Brincadeiras do olhar

Pré-escolar

Visita jogo. A partir de uma selecção de obras, vamos explorar os limites do nosso olhar. Como num truque de magia... nem sempre o que se vê é real!

Concepção Carmo Rolo, Diana Ramalho, Marília Pasqual, Pietra Fraga e Susana Alves

A bússola de Vanderheyden

1º ciclo

Com uma bússola que nos aponta em direcções que parecem impossíveis conseguiremos voar até aos Himalaias? Como veremos o mundo depois? Uma visita jogo que combina yoga e movimento e nos mostra como a percepção do mundo se altera conforme o que nos rodeia.

Concepção Carmo Rolo, Joana Ratão e Nuno Palha

Engenhocas que servem para olhar

1º ciclo

Como será que funciona o nosso olhar? E se passássemos a ter olhos na nuca, quatro olhos ou até mesmo um pescoço gigante que pudesse girar a toda à volta? Será que passaríamos a olhar o mundo de forma diferente? Visita jogo que aborda os limites e as potencialidades da percepção visual através da exploração das obras e de dispositivos ópticos simples.

Concepção Carmo Rolo, Diana Ramalho, Marília Pasqual, Pietra Fraga e Susana Alves

Dois em um

1º ciclo

Dois artistas, duas exposições, dois pontos de vista sobre questões semelhantes. Aceita o desafio e ajuda a construir uma ponte entre estes dois universos.

Concepção Diana Ramalho, Pietra Fraga e Susana Alves

Mala pedagógica

Pré-escolar e 1º ciclo

Gratuita mediante marcação de visita jogo à exposição.

Concepção Joana Ratão e Pietra Fraga

Mala portátil

Temos uma mala pedagógica sobre esta exposição para poder explorar na sala de aula. Solicite-a por e-mail e venha levá-la na Culturgest.

Mala digital

Embora mais reduzida em conteúdo esta mala pedagógica está também disponível em formato digital. Solicite-a por e-mail.

Ajuda-nos a fazer o álbum de recordações desta exposição!

Envia-nos os teus desenhos, as tuas cartas e os teus recortes ou relata-nos a tua experiência e as memórias que guardaste após a vinda à galeria.

Actividades para jovens

Visitas jogo e visitas guiadas à exposição

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

Marcação prévia · €1 · Dur. aprox. 1h30

A bússola de Vanderheyden

2º e 3º ciclos

Com uma bússola que nos aponta em direcções que parecem impossíveis conseguiremos voar até aos Himalaias? Como veremos o mundo depois? Uma visita jogo que combina yoga e movimento e nos mostra como a percepção do mundo se altera conforme o que nos rodeia.

Concepção Carmo Rolo, Joana Ratão e Nuno Palha

Dois artistas, uma visita

2º e 3º ciclos

Visita jogo que interliga os trabalhos de JCJ Vanderheyden (galeria 1) e Jochen Lempert (galeria 2) através da exploração dos mecanismos de percepção.

Concepção Diana Ramalho, Pietra Fraga e Susana Alves

M3C4N15M05 D3 P3RC3PÇ46

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário
A partir de uma selecção de obras de JCJ Vanderheyden vamos explorar os diferentes mecanismos e truques que envolvem a percepção óptica.

Concepção Carmo Rolo, Diana Ramalho, Marília Pasqual, Pietra Fraga e Susana Alves

Outras visitas guiadas à exposição

2º ciclo, 3º ciclo, ensino secundário e ensino superior · **Marcação prévia**
€0,50 · **Duração aprox.** 1h30

É professor?

Visite o link do serviço educativo em www.culturgest.pt e consulte o caderno do professor 2008-2009 para saber em pormenor as nossas propostas de exploração pedagógica para cada evento.

Da série *The Skins of Alca impennis*, 1995-2008



Jochen Lempert

Trabalho de Campo

Exposição · De 7 de Fevereiro a 10 de Maio · Galeria 2

Actividades para adultos

Visitas guiadas

Domingos, 5 Abril e 10 Maio, 17h30

Actividades para crianças

Visitas jogo à exposição

Ensino pré-escolar e 1º ciclo

Marcação prévia · €1 · Dur. aprox. 1h00

Catalog_arte: animais e outros mais...

Pré-escolar e 1º ciclo

Embarca na aventura e transforma-te num biólogo cujo desafio é catalogar espécies de animais que já existem ou que ainda estão por descobrir. Visita jogo à exposição do artista Lempert que nos desperta para a coabitação/coevolução entre o Homem e o Animal.
Concepção Carmo Rolo, Diana Ramalho, Joana Ratão e Pietra Fraga

O avião é um pássaro?

Pré-escolar e 1º ciclo

Visita jogo de (de)composição do movimento e das imagens. Será que o mundo é realmente como o vês? Move as janelas do teu imaginário para ver o infinito e mais alguém!

Concepção Susana Alves e Yola Pinto

Dois em um

1º ciclo

Dois artistas, duas exposições, dois pontos de vista sobre questões semelhantes. Aceita o desafio e ajuda a construir uma ponte entre estes dois universos.

Concepção Diana Ramalho, Marília Pasqual, Pietra Fraga e Susana Alves

Mala pedagógica

Pré-escolar e 1º ciclo

Gratuita mediante marcação de visita jogo à exposição.

Concepção Joana Ratão e Pietra Fraga

Mala portátil

Temos uma mala pedagógica sobre esta exposição para poder explorar na sala de aula. Solicite-a por e-mail e venha levá-la na Culturgest.

Mala digital

Embora mais reduzida em conteúdo esta mala pedagógica está também disponível em formato digital. Solicite-a por e-mail.

Ajuda-nos a fazer o álbum de recordações desta exposição!

Envia-nos os teus desenhos, as tuas cartas e os teus recortes ou relata-nos a tua experiência e as memórias que guardaste após a vinda à galeria.

Atividades para jovens

Visitas jogo e visitas guiadas à exposição

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário
Marcação prévia · €1 · Dur. aprox. 1h30

O avião é um pássaro?

2º ciclo

Visita jogo de (de)composição do movimento e das imagens. Será que o mundo é realmente como o vês? Move as janelas do teu imaginário para ver o infinito e mais alguém!

Conceção Crescer Teatrando/Gato que Ladra, Susana Alves e Yola Pinto

Dois artistas, uma visita

2º e 3º ciclos

Visita jogo que interliga os trabalhos de J.C.J. Vanderheyden (galeria 1) e Jochen Lempert (galeria 2) através da exploração dos mecanismos de percepção.

Conceção Diana Ramalho, Marília Pasqual, Pietra Fraga e Susana Alves

Catalog_arte: faz um catálogo do que vêem os teus olhos

2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

Visita jogo à exposição de J. Lempert na qual abordaremos algumas estratégias de representação das formas e das turbulências que a Natureza encerra.

Conceção Carmo Rolo, Diana Ramalho, Joana Ratão e Pietra Fraga

Outras visitas guiadas à exposição

2º ciclo, 3º ciclo, ensino secundário e ensino superior · Marcação prévia €0,50 · Duração aprox. 1h30

É professor?

Visite o link do serviço educativo em www.culturgest.pt e consulte o caderno do professor 2008-2009 para saber em pormenor as nossas propostas de exploração pedagógica para cada evento.

Composition with Blue Square, 1964



Daan Van Golden Vermelho ou Azul

Exposição · De 20 de Junho a 6 de Setembro · Galeria 1

Atividades para adultos

Conversa com Daan van Golden e Anne Pontégnie

Sábado, 20 Junho, 16h30

Visitas guiadas por Miguel Wandschneider

Sábados, 4 Julho e 5 Setembro, 17h00

Visitas guiadas

Domingos, 5 Julho e 6 Setembro, 17h00

Atividades para crianças e jovens

Visitas jogo à exposição

Dos 5 aos 15 anos · Marcação prévia €0,50 · Duração aprox. 1h30

Há vida na galeria?

A partir da exposição patente na galeria 1 vamos participar num jogo com várias pistas. Para que todas as tarefas dentro e fora da galeria de arte levem ao sucesso, vamos ver, interpretar e agir em nome da equipa.

Conceção Joana Ratão e Diana Ramalho

MovimentARTE

Visita jogo à exposição patente na galeria 1 que combina yoga e movimento.

Conceção Mariana Lemos, Nuno Palha e Susana Alves

Visitas guiadas à exposição

Marcação prévia · €0,50
Duração aprox. 1h30

É professor?

Visite o link do serviço educativo em www.culturgest.pt e consulte o caderno do professor 2008-2009 para saber em pormenor as nossas propostas de exploração pedagógica para cada evento.

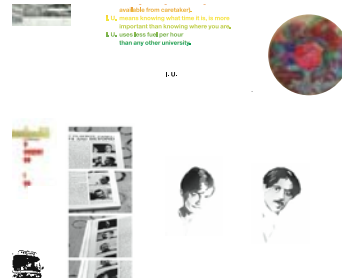
Ana Jotta, Sem título, 1997



Francisco Tropa,
Une table qui aiguïsera votre appétit - le poids poli, 2003



Pormenor de *Map* (DDDF), 2008



Páginas de *Parallel Encyclopedia* (Roma Publications, 2007)



Colecção #1 e #2

Exposição · De 20 de Junho
a 6 de Setembro · Galeria 2

Actividades para adultos

**Visita guiada
por Miguel Wandschneider**
Sábado, 11 Julho, 17h00

Visitas guiadas
Domingos, 5 Julho e 6 Setembro, 18h00

Actividades para crianças e jovens

Visitas jogo à exposição
Dos 5 aos 15 anos · Marcação prévia
€0,50 · Duração aprox. 1h30

Desafio com ARTimanha
A partir da exposição patente na galeria 2,
um desafio é lançado ao grupo. Para
descodificar o mistério, a arte e a manha
vão ser instrumentos fundamentais.
Concepção Carmo Rolo e Marília Pasqual

MovimentARTE
Visita jogo à exposição patente na
galeria 1 que combina yoga e movimento.

Concepção Mariana Lemos, Nuno Palha
e Susana Alves

Visitas guiadas à exposição
Marcação prévia · €0,50
Duração aprox. 1h30

É professor?
Visite o link do serviço educativo em
www.culturgest.pt e consulte o caderno
do professor 2008-2009 para saber
em pormenor as nossas propostas
de exploração pedagógica para cada
evento.

Dexter Sinister Extended Caption (DDDG)

Exposição · De 25 de Abril a 27 de Junho
Culturgest Porto

**Conversa com Stuart Bailey (Dexter
Sinister) e Mário Moura**
Auditório da Faculdade de Belas-Artes
da Universidade do Porto
Quinta-feira, 23 Abril, 18h00

**Visitas guiadas a grupos escolares
e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)**
De segunda a sexta-feira. Duração: 1h00
Acesso gratuito mediante marcação
prévia de 8 dias.
Público-alvo: Todos os níveis de ensino
(do pré-escolar ao superior).
Orientação Carla Filipe, Cristina Regadas,
Isabel Ribeiro

Inscrições e informações
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Batia Suter

Exposição · De 18 de Julho
a 19 de Setembro · Culturgest Porto

**Visitas guiadas a grupos escolares
e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)**
De segunda a sexta-feira. Duração: 1h00
Acesso gratuito mediante marcação
prévia de 8 dias.
Público-alvo: Todos os níveis de ensino
(do pré-escolar ao superior).
Orientação Carla Filipe, Cristina Regadas,
Isabel Ribeiro

Inscrições e informações
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt



Quer realizar estas oficinas mas não tem disponibilidade para as datas divulgadas?

Estamos a criar uma bolsa de interessados para organizar estas oficinas noutras datas. Contacte-nos!

OUTRAS ACTIVIDADES PARA PROFESSORES E EDUCADORES

Encontro de apresentação da nova programação para o ano lectivo 2009-2010

Quinta-feira, 9 de Julho, 15h00.

Quinta-feira, 10 de Setembro, 15h00.

Acolhimento Raquel Ribeiro dos Santos

Oficinas práticas

Marcação prévia · €5 (cada sessão)

Duração aprox. 2h30

Com estas oficinas pretendemos analisar o potencial das expressões artísticas enquanto ferramentas educativas e partilhar algumas estratégias para tornar o conteúdo erudito de uma exposição num conteúdo acessível à animação.

Estas oficinas podem ser agendadas noutras datas por grupos a partir de 10 elementos.



OUTRAS ACTIVIDADES PARA ADULTOS

Oficinas práticas ao Sábado, para adultos

A partir das exposições patentes nas galerias 1 e 2.

Sessões em simultâneo com as oficinas para crianças 'O ar dos artistas'.

José Mateus · Expressão dramática

Sábado, 9 de Maio das 15h00 às 17h30

Licenciado em Arquitectura de Interiores, fez formação na área da Commedia dell'arte. Desde 2008 faz parte da direcção da Gato que Ladra.

Irina Raimundo · Expressão plástica

Sábado, 20 de Junho das 15h00 às 17h30

Licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

Desenvolve trabalho na área da educação ambiental, das expressões artísticas, da animação e da ilustração.

O ar dos artistas

Sessões para pais e filhos

(ver na próxima página)

23 de Maio das 15h00 às 17h30.

As Palavras do Som

Quarta-feira, 29 de Abril, 18h30

Num espaço informal e onde há falta de recursos materiais como é possível trabalhar a música?

A música está presente e o ritmo está em nós: como despertá-los? Como senti-los? Será possível integrar a música na nossa actividade pedagógica sem formação musical? O desafio está lançado para uma descoberta conjunta e individual de soluções e novas questões.
Concepção Tiago Pereira

Expressão Corporal e Artes Plásticas: o Movimento e a Obra de Arte (continuação)

Quinta-feira, 28 de Maio, 18h30

Exercício prático que pretende relacionar materiais reais provenientes de exposições da Culturgest com a vertente do movimento. Procura-se ainda sugerir propostas de animação com base na interdisciplinaridade entre o trabalho de movimento/expressão corporal e uma dada situação real.

Concepção Yola Pinto

Para saber mais sobre estas oficinas...

Visite o link do serviço educativo em www.culturgest.pt

Quer realizar estas oficinas mas não tem disponibilidade para as datas divulgadas?

Estamos a criar uma bolsa de interessados para organizar estas oficinas noutras datas. Contacte-nos!



OUTRAS ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS

Celebra o teu dia de anos com arte

Sala própria · Galerias 1 e 2

Dos 5 aos 12 · Marcação prévia

€150 (por grupo) · Para grupos organizados (mínimo 10, máximo 20 crianças) · Duração aprox. 2h30

Dentro da galeria de arte e com expressões artísticas variadas realiza uma oficina prática e torna a tua festa de anos num encontro inesquecível para todos.

Contacte-nos e consulte as actividades disponíveis para a data pretendida.

O ar dos artistas

Sábados à tarde - oficinas práticas

Dos 7 aos 12 anos · Marcação prévia

€15 (4 sessões) / €5 (por sessão)

Convidámos um artista para, aos Sábados à tarde, ajudar os meninos - e às vezes os pais também - a olhar de uma outra forma e a formar um novo olhar.

Sábados em Abril

4 e 18 de Abril das 15h00 às 17h30

Concepção Yola Pinto

Licenciou-se em arquitetura ao mesmo tempo que completava o seu plano de formação em Dança Contemporânea no CEM - Centro em Movimento. Participou como intérprete para vários criadores em Dança, Teatro e Cinema e integra desde 2003 o corpo de professores residentes do CEM na área da dança.

Sábados em Maio

9**, 16, 23* e 30 de Maio

das 15h00 às 17h30

Concepção Irina Raimundo

Estudou artes circenses e pesquisa e criação coreográfica desenvolve trabalho na área do movimento para crianças e jovens.

* Sessões de pais e filhos.

** Sessões em simultâneo com as oficinas de adultos.

© Folha



FÉRIAS DE VERÃO NA CULTURGEST

Actividades para grupos em ATL e colónias de férias De 22 de Junho a 31 de Julho e de 1 a 11 de Setembro

Dos 4 aos 6 anos · Dos 6 aos 14 anos

€0,50 por criança

Mínimo de 10 elementos por grupo

Entrada gratuita aos monitores

Duração aprox. 1h30

Marcação prévia

Há vida na galeria?

A partir da exposição patente na galeria 1 vamos participar num jogo com várias pistas. Ver, interpretar e agir em nome da equipa para que todas as tarefas dentro e fora da galeria de arte levem ao sucesso.

Concepção Joana Ratão e Diana Ramalho

MovimentARTE

Visita jogo à exposição patente na galeria 1 que combina yoga e movimento.

Concepção Mariana Lemos, Nuno Palha e Susana Alves

Desafio com ARTimanha

A partir da exposição patente na galeria 2, um desafio é lançado ao grupo. Para decodificar o mistério arte e manha vão ser instrumentos fundamentais.

Concepção Carmo Rolo e Marília Pasqual

Pelos (és)passos da Caixa

Visita performática ao ar livre, em torno do edifício-sede da CGD e das obras escondidas nele...

Concepção Yola Pinto

Actividades para inscrições individuais De 22 de Junho a 17 de Julho e de 7 a 11 de Setembro

Dos 4 aos 14 anos

Oficinas de 5 sessões em continuidade.

Preço: €35

Desconto de 30% aos colaboradores da Caixa Geral de Depósitos e na inscrição do segundo filho.

Almoço disponível para os meninos inscritos o dia inteiro (não incluído no preço das oficinas).

[Em Maio, no nosso site, descubra como vão ser estas oficinas...](#)

Visite o link do serviço educativo em www.culturgest.pt

1ª semana de férias

de 22 a 26 de Junho (5 sessões)

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos:

10h00 - 13h00 e 14h30 - 17h30

2ª semana de férias

de 29 de Junho a 3 de Julho (5 sessões)

Dos 4 aos 6 anos:

10h00 - 12h30 ou 14h30 - 17h00

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos:

10h00 - 13h00 e 14h30 - 17h30

3ª semana de férias

de 6 a 10 de Julho (5 sessões)

Dos 4 aos 6 anos:

10h00 - 12h30 ou 14h30 - 17h00

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos:

10h00 - 13h00 e 14h30 - 17h30

4ª semana de férias

de 13 a 17 de Julho (5 sessões)

Dos 4 aos 6 anos:

10h00 - 12h30 ou 14h30 - 17h00

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos:

10h00 - 13h00 e 14h30 - 17h30

5ª semana de férias

de 7 a 11 de Setembro (5 sessões)

Dos 4 aos 6 anos:

10h00 - 12h30 ou 14h30 - 17h00

Dos 6 aos 10 anos · Dos 10 aos 14 anos:

10h00 - 13h00 e 14h30 - 17h30

Telefone: 21 790 54 54 · E-mail:

culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Os colaboradores do Serviço

Educativo durante esta temporada são:

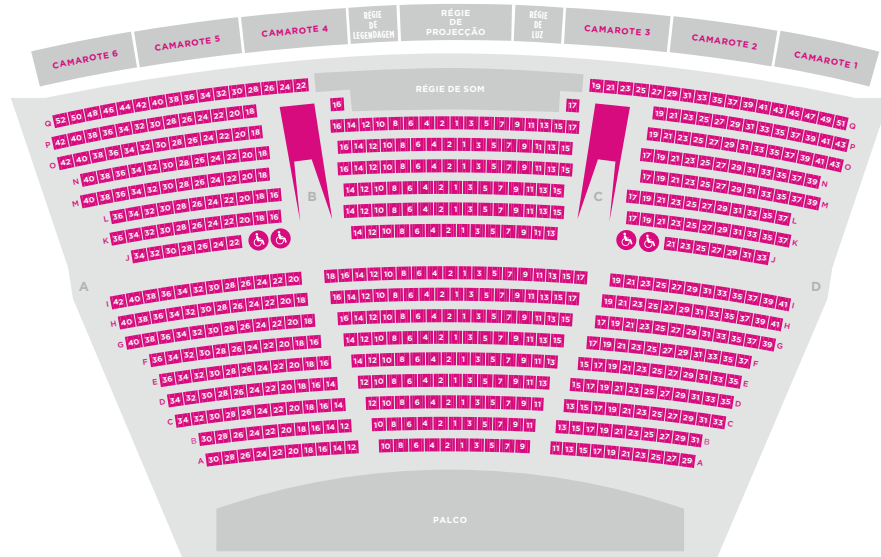
Ana Rita Ribeiro
Ana Rita Teodoro
Carmo Rolo
Carolina Rito
Crescer Teatrando
Diana Ramalho
Irina Raimundo
Isabel Gomes
Joana Martins
Joana Ratão
José Mateus
Mariana Lemos
Marília Pasqual
Pedro Barbeitos
Pietra Fraga
Proto/Pedro Saavedra
Rute Rocha
Ruy Malheiro
Simão Costa
Susana Alves
Yola Pinto

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES

Tel. 21 790 54 54 · Fax 21 848 39 03
culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Horário de atendimento:
das 10h às 12h30 e das 14h às 17h30

Grande Auditório



GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h (última admissão às 19h30).
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 13h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h. Em dias de espectáculo até à hora de início do mesmo.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições patentes.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espectáculos e exposições

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espectáculo.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espectáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis.

As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas Galerias.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

40% a titulares dos cartões

Caixautomática Universidade / Politécnico, ISIC (International Student Identity Card) e ITIC (International Teacher Identity Card); titulares do cartão Caixa Fã que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão ICOM e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espectáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões Caixagold e Visabeira Exclusive que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões Caixautomática Universidade / Politécnico, ISIC (International Student Identity Card) e ITIC (International Teacher Identity Card); titulares do cartão Caixa Fã que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).

50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Jovens até aos 30 anos: 5 Euros.
Preço único sem descontos.

CAFETARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30. Sábados, Domingos e Feriados, das 14h às 20h. Nos dias de espectáculo, até à hora de início do mesmo.

CULTURGEST

Edifício Sede
da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno 54 e 56;
Av. da República 21, 36, 44, 45, 49, 83, 90, 91, 727, 732 e 738;
Av. de Roma 7, 35, 727 e 767;
Praça de Londres 7, 22, 40 e 767

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h às 18h (última admissão às 17h45)
ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Av. dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h
Encerra aos fins-de-semana e feriados
Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Bilhetes à venda
Culturgest, Worten, Fnac, Bliss,
Lojas Viagens Abreu, Livrarias Bulhosa
(Oeiras Parque e C.C. Cidade do Porto),
C.C. Dolce Vita, MegaRede
e www.ticketline.sapo.pt
Reservas Ticketline: 707 234 234
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Os portadores de bilhetes para os espectáculos ou de convites para as inaugurações têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos. Nos dias úteis só é permitido o acesso ao parque para espectáculos que se realizem depois das 18h00.

Programa sujeito a alterações.



NO CENTRO DA CIDADE
ALUGUER DE ESPAÇOS

INFORMAÇÕES 21 790 54 54

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos · Rua Arco do Cego 1000-300 Lisboa
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt



Apoio na divulgação:



Se quiser receber em sua casa
a programação da Culturgest telefone-nos,
escreva-nos, envie um fax ou um e-mail para
culturgest.newsletter@cgd.pt

Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa

Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt